

FACULDADES EST
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM TEOLOGIA

MIRIAM DE JESUS E AVILA

A IGREJA NO DIVÃ: INQUIETAÇÕES DOS PASTORES E PASTORAS A
RESPEITO DA PSICOLOGIA

SÃO LEOPOLDO
2017

MIRIAM DE JESUS E AVILA

A IGREJA NO DIVÃ: INQUIETAÇÕES DOS PASTORES E PASTORAS A
RESPEITO DA PSICOLOGIA

Trabalho Final de Mestrado Profissional
Para obtenção do grau de Mestre em
Teologia Escola Superior de Teologia
Programa de Pós-Graduação Linha de
Pesquisa: Dimensões do Cuidado e
Práticas Sociais

Orientador: Dr. Nilton Eliseu Herbes

São Leopoldo

2017

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

A958i Avila, Miriam de Jesus e

A igreja no divã: inquietações dos pastores e pastoras a respeito da psicologia / Miriam de Jesus e Avila; orientador Nilton Eliseu Herbes. – São Leopoldo : EST/PPG, 2017.
79 p. ; 31 cm

Dissertação (Mestrado) – Faculdades EST. Programa de Pós-Graduação. Mestrado em Teologia. São Leopoldo, 2017.

1. Ecelsiologia. 2. Psicologia. 3. Missão. 4. Psicologia e religião I. Herbes, Nilton Eliseu. II. Título.

Ficha elaborada pela Biblioteca da EST

RESUMO

Esta dissertação propõe-se a identificar as inquietações de pastores e pastoras em relação à psicologia/psiquiatria e como eles e elas podem influenciar os membros de suas comunidades religiosas, quando estes necessitam de ajuda psicológica ou psiquiátrica. A partir de uma revisão bibliográfica, foram abordados temas como a história da psicologia ao longo dos tempos, a sua relação com a religião e a teologia, e a diferença entre a psicoterapia e a *poimênica*. Também foram identificados tabus de ambos os lados, levantando possíveis causas e consequências e foram indicadas possibilidades de cooperação entre Psicologia/psicoterapia e Teologia/*poimênica*.

Palavras-chave: Psicoterapia, *Poimênica*, Pastores e Pastoras, Comunidade eclesial.

ABSTRACT

This thesis proposes to identify the insecurities pastors have with regard to psychologists/psychiatrists and how they can influence the members of their religious communities, when these need psychological or psychiatric help. Based on a bibliographic review, themes such as the History of Psychology throughout time, its relation with religion and theology, and the difference between Psychotherapy and Poimenics were dealt with. Taboos on both sides were identified, raising possible causes and consequences and possibilities of cooperation between Psychology/psychotherapy and Theology/poimenics.

Keywords: Psychotherapy, Poimenics, Pastors, Ecclesiastical Congregation.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	6
1 A PSICOLOGIA COMO CIÊNCIA A SERVIÇO DAS PESSOAS COM DIFICULDADES PSÍQUICAS	8
1.1 A Psicologia e seus antecedentes históricos.....	8
1.2 O nascimento da Psicologia como ciência	15
2 PSICOLOGIA E RELIGIÃO	20
2.1 Psicologia e Religião: possibilidades de diálogo	25
2.2 Psicologia e Teologia.....	27
2.3 Psicoterapia ou Aconselhamento Pastoral?	32
2.3.1 Psicoterapia: uma ferramenta da Psicologia	32
2.3.2 Poimênica ou Aconselhamento pastoral: ferramentas da Teologia	36
2.3.3 Tipos de aconselhamento pastoral na América Latina.....	38
2.3.4 Pontos comuns e diferenças entre Psicoterapia e Poimênica	44
3 TABUS NO MEIO CIENTÍFICO E NO AMBIENTE RELIGIOSO E POSSIBILIDADES DE APROXIMAÇÃO	48
3.1 O tabu religioso na psicoterapia e suas consequências.....	48
3.1.1 Causas	48
3.1.2 Consequências	51
3.2 O tabu psicoterapêutico em círculos religiosos	52
3.2.1 Causas	52
3.2.2 Consequências.....	54
3.3 O que a psicologia/psicoterapia pode oferecer à teologia/ <i>poimênica</i> ?	57
3.3.1 Aporte técnico e teórico.....	58
3.3.2 Encaminhamentos.....	60
3.3.3 Critérios psicológicos para desenvolver uma fé “saudável”	62
3.3.4 O perigo do abuso espiritual.....	63
3.4 Possibilidades de cooperação entre psicoterapeutas e <i>poimênicos</i> ...	66
CONCLUSÃO	72
Referências	76

INTRODUÇÃO

A Psicologia e/ou a Psiquiatria, em suas diferentes formas de atuação, têm se consagrado como recurso terapêutico fundamental à sociedade, especialmente em nosso tempo, caracterizado pela alta incidência de distúrbios emocionais como depressão, transtornos de ansiedade de todos os tipos, transtornos alimentares, entre outros. Dessa forma, um grande número de pessoas, em algum momento de suas vidas, independente de fatores como raça, cor, gênero, situação econômica ou profissão de fé, para listar alguns, está precisando ou pode vir a precisar de ajuda especializada de um profissional destas áreas e, entre os cristãos e as cristãs evangélicos e evangélicas, não é diferente.

Apesar de vários estudos revelarem o poder da fé e/ou da religião no enfrentamento de muitas doenças ou na proteção contra outras tantas, essa necessidade é igualmente percebida no meio eclesiástico, se não mais evidente em alguns casos, visto algumas patologias serem próprias ou mais prevalentes no ambiente religioso.

Como consequência, a igreja tem ido para o divã... Às vezes de forma aberta, esclarecida, convicta de que encontrará ajuda para seus dilemas, mas muitas vezes de forma discreta, temerosa e culpada por estar buscando um “auxílio mundano”, talvez, para estes, porque a procura de ajuda especializada entre evangélicos e evangélicas parece enfrentar discriminação por parte de certos líderes/pastores e pastoras que acabam, em maior ou menor grau, influenciando negativamente ou até coibindo os membros de suas congregações de buscarem ajuda psicoterápica.

Por observar, com uma certa frequência, esta realidade em meu atendimento clínico, desejei investigar o que estaria por trás de uma suposta rejeição e/ou dificuldade por parte de pastores e pastoras em buscar ajuda psicológica ou psiquiátrica para si, ou de encaminhar e/ou incentivar os membros de suas igrejas a buscar tal ajuda. Para isso, pensei inicialmente em realizar uma pesquisa empírica, a partir da escuta de pastores e pastoras acerca do tema, no

entanto, no decorrer do tempo, optei por uma revisão bibliográfica, deixando a pesquisa de campo para um momento posterior.

Assim, o principal objetivo dessa pesquisa, que se desdobra em um outro de igual importância, é identificar as possíveis inquietações dos pastores e pastoras evangélicos e evangélicas em relação à psicologia e, conseqüentemente, à psiquiatria e apontar possibilidades de aproximação entre a ciência psicológica e a fé teológica.

Outros objetivos, igualmente pretendidos neste estudo são: caracterizar a relevância da Psicologia, enquanto ciência, e do profissional de psicologia/psiquiatria na sociedade; diferenciar Psicoterapia e Aconselhamento Pastoral, delimitando suas áreas de atuação e relacionar Psicologia e Teologia.

Trata-se de uma pesquisa bibliográfica desenvolvida a partir de revisão literária já publicada (a exceção de uma referência), especialmente em livros e artigos e algum material eletrônico, que serão cuidadosamente destacados e referenciados ao longo de três capítulos desenvolvidos da seguinte forma:

O primeiro capítulo leva-nos às origens da Psicologia partindo de uma trajetória pouco conhecida por quem não é da área, chegando à fundação da Psicologia como ciência moderna.

No segundo capítulo, procuramos explorar as relações entre Psicologia e Religião e Psicologia e Teologia, trazendo o pensamento desenvolvido ao longo dos tempos por psicólogos e teólogos sobre a temática. E também descrever os instrumentais destas ciências, a psicoterapia e a *poimênica*/aconselhamento pastoral, respectivamente, bem como suas diferentes abordagens.

E no terceiro e último capítulo identificamos os tabus existentes da parte da Psicologia/psicoterapia em relação à Teologia/*poimênica* e vice-versa, e suas prováveis causas e conseqüências. Também apresentamos as possibilidades de auxílio que a Psicologia/psicoterapia pode oferecer à Teologia/*poimênica* e, por fim, apontamos caminhos de cooperação entre estes saberes.

1 A PSICOLOGIA COMO CIÊNCIA A SERVIÇO DAS PESSOAS COM DIFICULDADES PSÍQUICAS

A psicologia é uma das mais antigas disciplinas acadêmicas, porque remonta aos primeiros espíritos questionadores, mas, ao mesmo tempo, é uma das mais novas, porquanto a sua moderna abordagem teve início há pouco mais de cem anos. Portanto, seu desenvolvimento não se deu no vácuo, ela é parte da cultura mais ampla em que funciona, estando exposta a influências externas que moldam a sua natureza e a sua direção de maneiras significativas.

Por se tratar de uma ciência recente, muitos argumentam que ainda não foi possível à psicologia a construção de paradigmas confiáveis e convincentes que pudessem ser adotados, sem receios, por todos os psicólogos. No entanto, a questão não é esta, pois, provavelmente, a psicologia jamais terá um único paradigma que possa ser adotado por todos sem questionamentos (ao menos por certo período), isso porque ela é uma ciência humana e, como tal, sofre influência por estudar o que estuda: o próprio ser humano.

Assim, a fim de que seja possível compreendermos como a ciência da Psicologia, que busca entender e atuar sobre o mundo psíquico humano, chegou a instituir-se como fonte fidedigna de conhecimento sobre o ser humano, faz-se necessária uma breve revisão de seus principais antecedentes históricos, pois uma compreensão adequada da história da psicologia tem de considerar o contexto em que a disciplina surgiu e se desenvolveu, isto é, as forças sociais, culturais, econômicas e políticas que caracterizam diferentes épocas e lugares.

1.1 A Psicologia e seus antecedentes históricos

Especulações acerca da natureza e conduta humanas e o fascínio pelo próprio comportamento têm sido tema de investigação de muitas obras filosóficas e teológicas. Já no século V antes de Cristo, Sócrates, Platão, Aristóteles e outros sábios gregos ocupavam-se de assuntos que também hoje ocupam os psicólogos, como por exemplo: memória, aprendizagem, motivação, percepção, atividade onírica

e comportamento anormal, fazendo-se as mesmas espécies de interrogações sobre a vida mental e a natureza humana. Este fato “demonstra uma continuidade vital entre o passado e o presente em termos de seu objeto de estudo”¹.

Foi entre os filósofos gregos que surgiu a primeira tentativa de sistematizar um pensamento sobre o espírito humano, ou seja, a interioridade humana. A alma ou espírito era concebida como a parte imaterial do ser humano e abarcaria o pensamento, os sentimentos de amor e ódio, a irracionalidade, o desejo, a sensação e a percepção. O próprio termo **psicologia** vem do grego *psyché*, que significa **alma**, e de *logos*, que significa **razão**.

Os filósofos pré-socráticos buscavam definir a relação do ser humano com o mundo por meio da percepção. Suas discussões giravam em torno de saber se o mundo existia porque o ser humano o via ou se o ser humano via um mundo que já existia. Porém, é com Sócrates (469-399 a.C.) que as ideias sobre o mundo psicológico ganharam certa consistência.²

Sócrates introduziu no pensamento da humanidade uma nova maneira de pensar que revolucionou a forma e o significado da busca do conhecimento. Para ele, a principal característica humana era a razão, e esta era o que o diferenciava dos animais. A razão possibilitava ao ser humano sobrepor-se aos instintos, que seriam a base da irracionalidade. Sem desprezar os métodos de entendimento que o antecederam, ele colocou o ser humano como objeto digno de compreensão e de estudo. Para esse filósofo, a Filosofia não existiria enquanto o ser humano não se voltasse reflexivamente para si próprio.

Sócrates aproxima o Homem de si e passa a incluí-lo como participante dos fenômenos e processos naturais, observador e observado, sujeito e objeto, parte integrante e dinâmica da natureza. Esse passo no desenvolvimento do pensamento serviu como respaldo para o surgimento da Psicologia séculos depois.³

O passo seguinte foi dado por Platão (427-347 a.C.), discípulo de Sócrates. Segundo alguns estudiosos, a obra desse filósofo pode ser analisada sob dois pontos de vista: o que diz respeito ao conhecimento e o que diz respeito ao político-

¹ SCHULTZ, Duane; SCHULTZ, Sydney. *História da psicologia moderna*. São Paulo: Cultrix, 1981. p. 17.

² BOCK, Ana Mercês Bahia; FURTADO, Odair; TEIXEIRA, Maria de Lourdes Trassi. *Psicologias: uma introdução ao estudo da psicologia*. São Paulo: Saraiva, 2008. p. 33.

³ CARPIGIANI, Berenice. *Psicologia: das raízes aos movimentos contemporâneos*. São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2002. p. 16.

social. A dimensão epistemológica de seu texto aponta para duas principais fontes de conhecimento: uma referente ao mundo sensível (dos fenômenos) e outra ao mundo inteligível (das ideias). Sua teoria transitou entre estes dois pontos: o conhecimento que vem por meio do corpo e o que vem da alma. Assim, Platão procurava compreender o ser humano e como ele era constituído. Platão escreveu sobre o funcionamento do organismo e sobre as perturbações psíquicas sob a perspectiva de uma alma tripartida, como explica Rosenfeld:

[...] constituída de três partes, assemelhando-se nisso à alma universal de que é reflexo: a razão (com os sentidos) localizada na cabeça; a bravura (vontade, emoções mais elevadas) localizada no coração; e os apetites inferiores, localizados no ventre [...] essa interpretação da alma foi influência multissecular e mantém-se, de certa forma, até hoje – pensar, querer, sentir.⁴

Para Platão, a construção do conhecimento funcionava como uma engrenagem perfeita entre intelecto e emoção, razão e vontade, inteligência e amor.

Posteriormente, Aristóteles (384-322 a.C.) trabalhou de modo bastante diferente de Sócrates e Platão, especialmente porque ele entendia que a certeza sobre o significado de um determinado fenômeno necessitava estar apoiada em normas técnicas de pensamento. Ele defendia o pensamento de que as informações existentes na consciência foram previamente experimentadas pelos sentidos e que o ser humano tem uma condição inata para reorganizar essas impressões gravadas pelos sentidos em grupos e classes. Ou seja, Aristóteles sistematizou a Filosofia, o que promoveu a transformação do platonismo e o caminho em direção ao empirismo e ao naturalismo⁵.

Se fosse possível pensar em uma “psicologia aristotélica”, poderíamos dizer que os estudos sobre as sensações e percepções voltam a dar importância ao corpo como fonte de conhecimento. Ao estudar a razão, os sonhos, a memória, os temperamentos, Aristóteles ampliou e aprofundou o campo de estudo sobre o funcionamento interno do ser humano, revelando assim “um sujeito pronto para o exercício do pensamento, o que ele considera a fonte de felicidade e virtude”⁶.

Como sintetizam Bock, Furtado e Teixeira, isto significa que:

2.300 anos antes do advento da Psicologia científica, os gregos já haviam formulado duas “teorias”: a platônica, que postulava a imortalidade da alma

⁴ ROSENFELD, 1993 apud CARPIGIANI, 2002, p. 19.

⁵ CARPIGIANI, 2002, p. 22, 23.

⁶ CARPIGIANI, 2002, p. 25.

e a concebia separada do corpo, e a aristotélica, que afirmava a mortalidade da alma e sua relação de pertencimento ao corpo.⁷

Seguindo adiante na linha do tempo, na tentativa de compreender a força da dialética “corpo-alma” na construção das teorias que subsidiaram a Psicologia, chegamos a um longo período da história que vai do século III a.C. ao século III da era cristã. Denominado Antiguidade, este período é marcado pelo helenismo, fenômeno histórico-social que designa a apropriação da cultura grega pelos romanos em todo o mundo mediterrâneo, e também pelo advento do Cristianismo⁸.

Cada uma das escolas filosóficas que foram surgindo nesse período (Epicurismo, Estoicismo, Ceticismo e Neoplatonismo) mostrava-se preocupada em pensar o ser humano de maneira particular. Assim, durante cerca de meio milênio, essas escolas da Antiguidade ocuparam-se com temas como ética, conhecimento, alma, fé, sensações, prazer, morte. Apesar de suas divergências, pode-se afirmar que elas concordaram sobre alguns princípios morais fundamentais:

Elas souberam dizer com uma linguagem clara e acessível, que fala exatamente à ‘fé’ e à razão, qual era a justa atitude espiritual a assumir diante das coisas, dos homens e dos deuses para poder alcançar a felicidade.⁹

Quanto à Medicina, ela é descrita na Antiguidade a partir de uma visão do ser humano em relação à natureza. Hipócrates (460-357 a.C.), frequentemente chamado de “pai da medicina”, a partir de suas observações e estudos, lentamente foi negando a intervenção dos deuses e demônios no desenvolvimento da doença e atribuindo a causas naturais tanto as perturbações do corpo quanto as mentais, além de considerar a necessidade de um tratamento especial para tais afecções.

Ele apontou o cérebro como o centro das atividades intelectuais e fez observações importantes sobre como ele controla diversos órgãos do corpo, assim como acentuou o papel da hereditariedade.

Mais tarde, outro nome que se destacou na medicina foi Galeno (130-200 d.C.), que desenvolveu estudos sobre a anatomia do sistema nervoso e conservou uma atitude científica diante da doença, dividindo suas causas em físicas e mentais. Tais observações abriram caminho para o que se tornou a perspectiva biológica na psicologia.

⁷ BOCK; FURTADO; TEIXEIRA, 2008, p. 34.

⁸ CARPIGIANI, 2002, p. 28.

⁹ CARPIGIANI, 2002, p. 30.

Do ponto de vista da medicina, a Antiguidade ficou então marcada pela antecipação de muitos dos conceitos atuais sobre a doença e por observações importantes em relação aos sonhos e seus significados, além de constatações acerca da loucura, que já apareciam nos registros médicos da época, apesar do interesse pela vida intrapsíquica ainda estar longe de um estudo sistematizado¹⁰.

É na Antiguidade também que surge e se desenvolve o Cristianismo, um movimento religioso que, posteriormente, tornou-se também uma força política dominante. Juntamente com o helenismo e o judaísmo, o cristianismo constituiu os pilares que sustentaram a consolidação da cultura ocidental.¹¹

Essa mistura desordenada de culturas, fés e condutas sociais provindas do paganismo romano, do politeísmo grego e da não aceitação de Jesus Cristo como Messias pelos judeus, gerou, no entanto, uma necessidade urgente da sistematização da doutrina cristã, por meio de métodos pedagógicos que organizassem o Império Romano, trabalho realizado pelos Padres da Igreja (daí o conceito de *Patrística*) durante os quatro primeiros séculos da era cristã.

Mesmo com as invasões bárbaras, por volta de 400 d.C., que levaram à desorganização econômica e ao esfacelamento dos territórios romanos, o cristianismo sobreviveu e até se fortaleceu, tornando-se a religião principal da Idade Média, período que então se inicia.¹²

Portanto, as ideias sobre o mundo psicológico na Idade Média estavam relacionadas de perto ao conhecimento religioso, uma vez que, ao lado do poder econômico e político, a Igreja Católica também monopolizava o saber.

Nesse sentido, dois grandes teólogos destacaram-se nesse longo período histórico: Santo Agostinho (354-430), um dos mais importantes Pais da Igreja Antiga, e São Tomás de Aquino (1225-1274), o principal teólogo da Idade Média, referência do que veio a ser a *escolástica medieval*.

¹⁰ Cf. ATKINSON, Rita. et al. *Introdução à psicologia de Hilgard*. Porto Alegre: Artmed, 2002. p. 28, e CARPIGIANI, 2002, p. 31-32.

¹¹ “A história do cristianismo é uma parte importante da história do mundo. A fé cristã tem afetado cada esfera da vida, da moral à política, da arte à literatura, da ciência à filosofia. [...] Para os cristãos, sua fé e a história de sua religião centram-se em Cristo. [...] Nenhum relato do cristianismo pode ficar completo sem descrever o impacto emocional, intelectual e espiritual dessa figura histórica sobre o incontável número de pessoas que o seguiram e creram nele. [...]. No entanto, vemos, ao longo da história, que o cristianismo revelou uma faceta nada ‘cristã’, quando perseguições e guerras foram empreendidas em nome de Cristo”. (COLLINS, Michael; PRICE, Matthew A. *História do cristianismo*. São Paulo: Loyola, 2000. p. 10).

¹² BOCK; FURTADO; TEIXEIRA, 2008, p. 35.

Santo Agostinho, em sua época, rediscutiu a alma que, do seu ponto de vista, não era somente a sede da razão, mas a prova de uma manifestação divina no ser humano, imortal e desprendida dos estímulos enganadores e prazerosos do mundo. Tal pensamento dominou os séculos posteriores reatualizando e, talvez, tentando cristianizar a reminiscência platônica¹³.

São Tomás de Aquino viveu em um período que prenunciava a ruptura da Igreja Católica com o surgimento do protestantismo, uma época que preparava a transição para o capitalismo, com a revolução francesa e a revolução industrial na Inglaterra. Essa crise econômica e social estremeceu a Igreja, questionando a instituição e os conhecimentos produzidos por ela.

Ao retomar, então, a ética aristotélica, amoldando-a e adaptando-a aos preceitos cristãos, São Tomás

irá reforçar a ideia de que a matéria corporal não exprime sua marca no intelecto e, portanto, não existe sensação sem objeto ou pensamento sem conteúdo. O dualismo é superado pela fé na unidade alicerçada no poder de Deus.¹⁴

Também a medicina, durante a Idade Média, deixou de considerar as contribuições importantes de Hipócrates e Galeno para adequar-se às superstições populares, propiciando um retorno à demonologia, na qual o ser humano era visto como um local onde demônios batalhavam pelo domínio de sua alma.

Parece que na Idade Média a doença mental ressurgiu com maior intensidade do que na Antiguidade, juntamente com as “loucuras coletivas”, epidemias e pestes resultantes da opressão e da fome. Quanto às formas de tratamento, elas consistiam em métodos como “flagelamentos com açoites, fome, correntes, imersão em água quente [...] a fim de tornar o corpo um lugar tão desagradável que nenhum diabo respeitável continuaria nele a existir”, como escreveu Coleman¹⁵.

Até este período, como observado, os filósofos tinham procurado respostas no passado, nas obras de Aristóteles e em outros sábios antigos, bem como na Bíblia. As forças que governavam a busca do conhecimento eram o dogma e as figuras de autoridade. Porém, no século XVII, com o Renascimento, surge uma nova

¹³ Cf. CARPIGIANI, 2002, p. 32-33 e BOCK; FURTADO; TEIXEIRA, 2008, p. 35.

¹⁴ CARPIGIANI, 2002, p. 33.

¹⁵ COLEMAN, 1973 apud CARPIGIANI, 2002, p. 34.

expressão do que seja o universo e a humanidade, através da exposição do mundo interior humano pela arte, literatura e ciência, de tal modo que uma nova força intelectual começa a surgir: o empirismo, que é a obtenção do conhecimento por meio da observação da natureza. A sabedoria vinda do passado tornou-se suspeita e a pesquisa científica floresceu com as descobertas e percepções de estudiosos que, com sucesso, criaram e refletiram esta atmosfera propícia a mudanças¹⁶.

Dentre os filósofos que se destacaram nesta época, René Descartes (1596-1650) foi aquele que contribuiu diretamente para a história da psicologia moderna. Ele representou a transição da Renascença para a era científica ao aplicar a ideia do mecanismo do relógio ao corpo humano. Mais do que qualquer outro, Descartes foi o filósofo que libertou a pesquisa dos rígidos dogmas teológicos e tradicionais que a tinham dominado durante séculos. A obra de Descartes serviu de catalisador para muitas tendências que mais tarde tiveram destaque na psicologia. A concepção mecanicista do corpo, a noção de ação reflexa, a teoria da interação mente-corpo, a localização das funções mentais no cérebro e a doutrina das ideias inatas são algumas de suas contribuições mais significativas¹⁷.

Nos séculos que se seguiram, a mente e seu funcionamento tornaram-se objeto de grande interesse para os filósofos, e duas escolas de pensamento rivais se desenvolveram: o empirismo inglês e o racionalismo alemão.

O primeiro empirista, John Locke (1632-1704), tinha como principal preocupação intelectual entender como a mente adquiria o conhecimento. Ele afirmava que a mente do recém-nascido era um espaço vazio e que seu conteúdo – sensações, imagens e ideias – tinha como fontes as impressões sensoriais do mundo externo obtidas através da percepção. Segundo Locke, mesmo que, aparentemente, algumas ideias parecessem fazer parte constitutiva da mente humana, elas eram, na verdade, fruto da aprendizagem¹⁸.

Para Locke, a sensação é uma precursora necessária da reflexão, pois é a partir de um reservatório de impressões sensoriais que a mente é capaz de refletir, ou seja, na reflexão o indivíduo se recorda de impressões sensoriais passadas e as combina de várias maneiras para formar abstrações e outras ideias de nível

¹⁶ SCHULTZ; SCHULTZ, 1981, p. 38.

¹⁷ SCHULTZ; SCHULTZ, 1981, p. 43.

¹⁸ HENNEMAN, Richard H. *O que é a psicologia?* Tradução de José Fernando Bittencourt. 4ª ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1974. p. 11.

superior. Todas as ideias, por mais complexas, vêm dessas duas fontes, mas a fonte última permanece sendo as impressões dos sentidos ou a experiência.

Já os filósofos do racionalismo alemão opunham-se à maioria das ideias dos empiristas. Eles menosprezavam o papel da percepção sensorial como a principal fonte das ideias e conhecimentos, pois acreditavam que a mente humana tem a capacidade inata de gerar ideias, independentemente da estimulação ambiental. Para os racionalistas, o observador decide de antemão o que deseja olhar ou ouvir e, depois, busca locais ou objetos para observação. Além disso, a informação recebida pela mente, através dos órgãos dos sentidos, também é suscetível de interpretação individual pelo sujeito que percebe. De um modo geral, os racionalistas atribuem à mente um papel muito mais significativo que os empiristas, pois para aqueles, o problema central não era o que estava *na* mente, mas o que a mente *fazia*¹⁹.

Em meados do século XIX, portanto, os métodos da ciência natural estavam sendo usados para investigar fenômenos puramente mentais. Foram desenvolvidas técnicas, criados aparelhos, enquanto livros eram publicados despertando um grande interesse na área. O empirismo britânico e os trabalhos no campo da astronomia acentuaram a importância dos sentidos, e os cientistas alemães descreviam como os mesmos funcionavam. Pode-se, então, afirmar que o espírito positivista da época encorajou a convergência dessas duas linhas de pensamento. Coube a Wilhelm Wundt uni-las, para assim fundar a psicologia como disciplina acadêmica formal, no final do século XIX²⁰.

1.2 O nascimento da Psicologia como ciência

Em dezembro de 1879, na Universidade de Leipzig, na Alemanha, Wilhelm Wundt (1832-1920) criou o primeiro laboratório de psicologia, tornando-a uma disciplina acadêmica formal e dando início à psicologia experimental como ciência. Ele ficou conhecido como pioneiro na criação de instituições destinadas à pesquisa

¹⁹ HENNEMAN, 1974, p. 13-14.

²⁰ SCHULTZ; SCHULTZ, 1981, p. 72.

e ao ensino da psicologia e na formação de inúmeros psicólogos não só alemães, mas também de outras nacionalidades.²¹

O ímpeto que conduziu Wundt à criação do laboratório foi a ideia de que, assim como os planetas, as substâncias químicas ou os órgãos humanos, a mente e o comportamento também poderiam ser objeto de análise científica. “Esse marco histórico significou o desligamento das ideias psicológicas de ideias abstratas e espiritualistas, que defendiam a existência de uma alma nos seres humanos, a qual seria a sede da vida psíquica”.²²

Embora a Psicologia científica tenha nascido na Alemanha, foi nos Estados Unidos que ela alcançou um rápido crescimento, “resultado do grande avanço econômico que colocou este país na vanguarda do sistema capitalista”²³, e onde surgiram as primeiras abordagens ou escolas de Psicologia, as quais deram origem a inúmeras teorias que existem atualmente.

Os pioneiros da Psicologia, sem dúvida, procuraram, dentro das possibilidades, atingir critérios científicos e formular teorias, no entanto, a ciência moderna se deparou com as seguintes questões: Como produzir conhecimento sobre o ser humano se o próprio cientista é também seu objeto de estudo? E, como garantir que a Psicologia possa ser um conhecimento objetivo sobre a subjetividade?

De acordo com Bock, na tentativa de superar essa dicotomia objetividade e subjetividade, um novo método científico foi utilizado: o materialismo histórico e dialético.

Esse método uniu subjetividade e objetividade em um mesmo processo, entendendo a realidade como em permanente movimento, na qual sujeito e mundo estão em relação e são transformados por essa relação. Caracterizado pelos pressupostos materialistas (de que a realidade existe independentemente de nossas ideias e da razão humana e que existem leis na realidade que podem ser conhecidas), pela concepção dialética (a contradição e sua constante superação são a base do movimento de transformação constante da realidade) e pela concepção histórica (o mundo se constrói em s

²¹ FIGUEIREDO, Luis Claudio M.; SANTI, Pedro Luiz. *Psicologia – uma nova introdução: uma visão histórica da psicologia como ciência*. 2ª ed. São Paulo: EDUC, 2002. p. 58.

²² BOCK; FURTADO; TEIXEIRA, 2008, p. 24, 25.

²³ BOCK; FURTADO; TEIXEIRA, 2008, p. 41.

eu movimento e que podemos conhecê-lo estudando-o exatamente em seu processo de transformação), o método se contrapunha ao positivismo e ao empirismo e inaugurava novas possibilidades de compreensão da subjetividade. A subjetividade que só pode ser compreendida como movimento constante do ser humano em sua relação com o mundo material e social.²⁴

Desta forma, a Psicologia vai se desenvolver construindo diferentes teorias, as que, baseadas no pensamento dicotômico, irão privilegiar a objetividade humana (o que pode ser objetivamente conhecido no ser humano) ou a subjetividade humana (o que não pode ser medido, como as experiências e dinâmicas internas do ser humano ou, até mesmo, a leitura e a percepção que o ser humano tem a respeito do mundo), e as teorias em que objetividade e subjetividade irão aparecer como diferentes âmbitos de um mesmo processo, “de transformação do mundo pelos humanos, em que eles se transformam ao transformar o mundo”.²⁵

Consequentemente, por ser a psicologia uma ciência intermediária entre as ciências da natureza e as ciências da cultura, como observou Wundt, cuja obra se estendeu da psicologia experimental fisiológica à psicologia social, desde o início o seu lugar entre as ciências é um tanto incerto. Nesse sentido, um dos méritos de Wundt foi o de conceber a psicologia nessa posição intermediária,²⁶ o que permite uma maior amplitude de análise e o exercício da interdisciplinaridade, hoje perspectivas muito caras às ciências humanas.

Efetivamente, a interdisciplinaridade, neste sentido forte da palavra, jamais será uma posição cômoda e estável. É verdade que nenhuma disciplina científica pode estar segura de que seus limites estão dados de uma vez por todas: tanto ela deve estar aberta a subdivisões internas – a novas especialidades – como ela deve ser capaz de ajustar-se ao que se passa nas disciplinas afins, que laboram domínios próximos.²⁷

Figueiredo²⁸ afirma que, no campo da psicologia, a psicanálise é a única que ocupa este lugar entre o campo das ciências biológicas e o campo das ciências da cultura²⁹, apesar das dificuldades decorrentes desta posição, uma vez que ao aproximar-se demasiadamente para um dos lados, corre o risco de descaracterizar-

²⁴ BOCK; FURTADO; TEIXEIRA, 2008, p. 42, 43.

²⁵ BOCK; FURTADO; TEIXEIRA, 2008, p. 43.

²⁶ FIGUEIREDO; SANTI, 2002, p. 58.

²⁷ FIGUEIREDO, Luis Claudio M. *Revisitando as psicologias: da epistemologia à ética das práticas e discursos psicológicos*. 3ª ed. Rio de Janeiro: Vozes, 2004. p. 111.

²⁸ FIGUEIREDO, 2004, p. 110.

²⁹ Embora Figueiredo tenha feito esta afirmação, a psicanálise não é a única teoria que ocupa este lugar, a Logoterapia, de Viktor Frankl, por exemplo, sempre estabeleceu relações com as ciências teológicas.

se. Porém, o risco maior ainda é o de perder seu caráter interdisciplinar fechando-se a outros saberes, o que iria de encontro ao conselho de seu fundador, Sigmund Freud, àqueles que buscam uma ótima formação.³⁰

Portanto, a psicologia, aqui representada pela psicanálise,

deveria ser capaz de atravessar e ser permanentemente atravessada por outros saberes, o que daria a esta 'disciplina' um curioso aspecto, o de ser, para além da interdisciplinaridade constitutiva e da transdisciplinaridade obrigatória, um saber fecundante indisciplinado³¹.

Poderíamos, a essa altura, nos perguntar: por que dedicar tanto tempo ou espaço para falar da história da Psicologia? Ou, qual a importância destas informações quando nos propomos entender as inquietações dos pastores e pastoras diante da Psicologia?

Schultz e Schultz afirmam que a maioria dos departamentos de psicologia das faculdades americanas, e não é diferente no Brasil, possuem uma disciplina chamada "História da Psicologia", o que torna a Psicologia, dentre todas as ciências, peculiar nesse aspecto.³² Mas por que esse conhecimento se torna tão relevante?

Estes mesmos autores revelam que uma das razões (a que particularmente nos interessa) é a de demonstrar, como já observamos aqui, que muitas questões e problemas que ocupam a Psicologia desde o seu nascimento há séculos já atraíam a atenção e o interesse tanto da Filosofia quanto da Teologia.

Dessa forma, considerando a afirmação de Wundt de que a Psicologia se encontra nessa posição intermediária entre as ciências da natureza e as ciências da cultura, e a posição de Figueiredo de que a Psicologia "deveria ser capaz de atravessar e ser permanentemente atravessada por outros saberes"³³, em um constante exercício da interdisciplinaridade, examinaremos no próximo capítulo

³⁰ Sigmund Freud, conhecido como pai da Psicanálise, "explorou áreas da psique que eram discretamente obscurecidas pela moral e filosofia vitorianas e descobriu novas abordagens para o tratamento da doença mental. Seu trabalho contestou tabus culturais, religiosos, sociais e científicos" (FADIMAN, James; FRAGER, Robert. *Teorias da personalidade*. Tradução de Camila Pedral Sampaio e Sybil Safdié. São Paulo: HARBRA, 1986. p. 3). Como alguém que se interessava pelos conhecimentos de outras áreas como: Arqueologia, História, Filosofia, Teologia, entre outras, Freud propõe aos estudiosos e praticantes da psicanálise que estejam abertos, como diz Figueiredo, "para um pensamento capaz de circular, afetando e sendo afetado por outros saberes". Falaremos mais sobre Freud e sua teoria no decorrer deste trabalho. (FIGUEIREDO, 2004, p. 113).

³¹ FIGUEIREDO; SANTI, 2002, p. 58.

³² A maioria dos departamentos científicos não oferece um curso que apresente a história do seu campo. Já "a psicologia tem uma ligação vital e tangível com o seu próprio passado, um vínculo que muitos psicólogos consideram satisfatório e útil explorar". (SCHULTZ; SCHULTZ, 1981, p. 19, 20).

³³ FIGUEIREDO, 2004, p. 112.

como a Psicologia tem se relacionado com a Religião e a Teologia, desde o seu início até o presente momento.

2 PSICOLOGIA E RELIGIÃO

Enquanto ciência que estuda o fenômeno humano, à Psicologia interessa compreendê-lo em sua totalidade, na sua relação com o mundo, consigo mesmo e nas suas mais complexas ligações e coligações, sejam de ordem física, biológica, emocional, social, espiritual etc. Portanto, ela ultrapassa a questão do comportamento que, pretensamente, acredita-se poder ser medido, pesado e contado, o que a torna mais próxima da religião do que qualquer outra ciência.

Contudo, em seu início, a jovem e emergente Psicologia buscou aproximar-se das ciências naturais acreditando que, desta forma, encontraria o prestígio e o reconhecimento que buscava entre as demais ciências. Segundo Utsch, “a psicologia precisou seguir o *Zeitgeist* da revolução das ciências naturais e nadar junto na corrente da ciência objetiva”³⁴, desvencilhando-se assim dos modelos de compreensão da alma humana de caráter filosófico e teológico.³⁵

Com a Modernidade, noções de interioridade da alma, em que a vontade era

“disputada entre o pecado e a fé, bem como discussões sobre o livre-arbítrio deram lugar a um novo modelo de indivíduo: livre, autocentrado, medida de todas as coisas, dotado pela Razão do poder de conhecer (e dominar) o mundo e, em certa medida, associal”.³⁶

Por algum tempo, ciência e religião ainda caminharam juntas neste período, uma vez que a regularidade do mundo era explicada em função de Deus, o elemento superior, que, à semelhança da engrenagem de um relógio, daria início ao processo inferior, mecânico. Entretanto, no século XVIII, com o advento do Iluminismo, ocorre o rompimento entre ciência e religião no mundo ocidental. A crença de que a Razão libertaria a humanidade dos mitos, da ignorância e da religião estabelece uma distinção radical entre o pensamento científico e as demais

³⁴ UTSCH, Michael. Religião e Psicologia. *Estudos Teológicos*, São Leopoldo, v. 2, n. 53, p. 364-381, jul/dez 2013. p. 368.

³⁵ UTSCH, 2013, p. 368.

³⁶ DUMONT, 1985 apud DEGANI-CARNEIRO, Felipe; JACÓ-VILELA, Ana Maria. Religião na história da psicologia no Brasil: o caso do protestantismo. *Diaphora*, v. 11, n. 1, p. 70-79, 2012. p. 71.

cosmovisões. Desta forma, a divindade perde sua centralidade no mundo ocidental, dando lugar aos discursos científicos, como o da Psicologia, no que tange à interioridade humana.³⁷

Neste contexto, muitos estudiosos se debruçaram sobre a complexidade do fenômeno religioso, entre os quais encontra-se William James (1842-1910) que, considerado por alguns como um dos pais da psicologia moderna, ao lado de Wundt, talvez tenha dado a contribuição mais importante do pensamento do século XIX no que diz respeito ao diálogo entre psicologia/psiquiatria e religião. Como psicólogo experimental, ele aplicou a abordagem “viva-e-deixe-viver” à religião.

Ele descreveu em detalhes as conversões religiosas e seus benefícios psicológicos em seu livro *The Varieties of Religious Experience*, concluindo que, embora a religião esteja além da razão, a unidade dos testemunhos religiosos deixa aberta a possibilidade de que as crenças religiosas possam ser verdadeiras. Talvez sua mais importante contribuição para o diálogo entre a psicologia e a religião tenha sido sua declaração do direito do indivíduo de acreditar além da evidência.³⁸

Neste livro, James descreveu duas categorias principais de pessoas: “as de ‘mente sadia’, ou ‘nascidas uma vez’; e as de ‘almas enfermas’, ou ‘nascidas duas vezes’”.³⁹ Por “mente sadia”, ele compreendia os otimistas sem nenhuma ou quase nenhuma noção do pecado humano e que tinham uma busca insaciável pela felicidade. Embora este tipo de mentalidade pareça atraente, “James reconheceu que a realidade do mal e do pecado não permitem o sucesso no nível hedonístico para a maioria de nós”.⁴⁰

A despeito dessas percepções da natureza humana, James não era um cristão ortodoxo. Incapaz de aceitar ‘tanto o cristianismo popular quanto o teísmo escolástico’, ele entendia que sua posição era a de ‘sobrenaturalismo bem dosado’. Sua visão era essencialmente a de um pragmático que descobriu que a ideia de um deus faz sentido na vida cotidiana.⁴¹

No sentido oposto ao de James, John B. Watson (1878-1958), outro estudioso do comportamento humano e fundador do *Behaviorismo*⁴², acreditava que a religião era algo que pertencia ao passado e que se desenvolveu devido à

³⁷ DEGANI-CARNEIRO; JACÓ-VILELA, 2012, p. 71.

³⁸ BLAZER, Dan. *Freud versus Deus*. Tradução de Paulo Zacarias. Viçosa: Ultimato, 2002. p. 75.

³⁹ HURDING, Roger F. *A árvore da cura: fundamentos psicológicos e bíblicos para aconselhamento cristão e cuidado pastoral*. Tradução de Márcio Loureiro Redondo. São Paulo: Vida Nova, 1995. p. 25.

⁴⁰ HURDING, 1995, p. 25.

⁴¹ HURDING, 1995, p. 25.

⁴² Falaremos desta abordagem mais adiante, quando nos referirmos às bases teóricas da psicologia.

ociosidade do ser humano, como uma desculpa para não ter que esforçar-se por encontrar uma explicação para a ocorrência dos fenômenos. Para ele, a religião era uma ilusão forjada pelos padres nas mentes de pessoas tolas, uma venda que devia ser retirada e uma enfermidade que precisava ser curada.⁴³

Já Carl Gustav Jung (1875-1961), considerado pai da Psicologia Analítica e discípulo de Freud,⁴⁴ se deparou constantemente com o fenômeno religioso em suas investigações científicas em torno da mente humana profunda. Ele disse:

Visto que a religião constitui, sem dúvida alguma, uma das expressões mais antigas e universais da alma humana, subentende-se que todo o tipo de psicologia que se ocupa da estrutura psicológica da personalidade humana deve, pelo menos, constatar que a religião, além de ser um fenômeno sociológico ou histórico, é também um assunto importante para grande número de indivíduos.⁴⁵

Respeitando o rigor científico, Jung observou toda a espécie de manifestação religiosa tomada em sua extensão universal, abrangendo, portanto, as representações religiosas tanto do ser humano primitivo quanto as formas diversas de religiões que se manifestam nas fases mais avançadas da cultura humana, no ambiente, na cultura e nas tradições do Ocidente e do Oriente, ao longo dos séculos. A partir dessas investigações, ele viu-se obrigado a reconhecer que a experiência religiosa é proveniente do inconsciente coletivo, de energias dinâmicas e símbolos de significados atemporais e universais, que escapam à consciência individual.⁴⁶

Viktor Frankl (1905-1997) e sua escola psicológica de análise existencial chamada Logoterapia, “não apenas ampliam a questão psicológica para dentro da questão espiritual ou transcendental, como fazem desta o ponto central de todo o seu método terapêutico”.⁴⁷ Isso acontece na medida em que a questão da busca por sentido de vida torna-se a pergunta central da pessoa humana, “estribada numa

⁴³ LEÓN, Jorge A. *Psicología de la experiencia religiosa*. Buenos Aires: Editorial Caribe, 1973. p. 20.

⁴⁴ A despeito da grande amizade e admiração que eles mantinham um pelo outro, a ponto de Freud considerar a possibilidade de Jung ser o seu sucessor, eles discordavam em pontos fundamentais. “Jung nunca foi capaz de aceitar a insistência de Freud de que as causas da repressão eram sempre traumas sexuais. Este último, por sua vez, ficava sempre apreensivo com o interesse de Jung pelos fenômenos mitológicos, espirituais e ocultos”. (FADIMAN, 1986, p. 43).

⁴⁵ JUNG, Carl. G. *Psicologia e religião*. Tradução de Mateus Ramalho Rocha. Revisão técnica de Dora Ferreira da Silva. 11ª ed. Petrópolis: Vozes, 2012. p. 17.

⁴⁶ UTSCH, 2013, p. 369.

⁴⁷ HOCH, Lothar C. *Psicologia a Serviço da Libertação: possibilidades e limites da psicologia no aconselhamento pastoral*. *Estudos Teológicos*, São Leopoldo, ano 25, n. 3, p. 249-269, 1985. p. 251, 252.

antropologia que caracteriza o ser humano como um ser essencialmente orientado para o divino”.⁴⁸

Para Frankl, a religião é um entre tantos fenômenos que ocorrem aos pacientes e precisa ser acolhida pelo terapeuta, seja ele religioso ou não. Ele afirma:

A religiosidade, conforme já dissemos, só é genuína quando existencial, quando a pessoa não é impelida para ela, mas se decide por ela. Agora, porém, verificamos que a essa característica de existencialidade devemos acrescentar uma segunda característica, a da espontaneidade. À religiosidade verdadeira, para que seja existencial, deve ser dado o tempo necessário para que possa brotar espontaneamente. Nunca podemos apressar a pessoa nesse caminho.⁴⁹

Conforme Izar Xausa⁵⁰, Frankl menciona um tipo de “fé” inconsciente e um “inconsciente transcendental” que abrange a dimensão religiosa. Seu trabalho terapêutico tem como objetivo tornar conscientes vários aspectos reprimidos, inclusive a religiosidade reprimida, que está presente quando a relação com a transcendência está perturbada.

Afirma que a fé, na escala individual, quando se atrofia, transforma-se em neurose e, na escala social, degenera em superstição. Mostra igualmente que o sentimento religioso natural tem sido vítima da repressão por parte da razão absoluta ou da inteligência tecnicista.⁵¹

Mas não temos dúvida de que o autor que ficou mais conhecido por escrever a respeito da religião, no âmbito da psicologia, foi Sigmund Freud (1856-1939) que, à luz de sua teoria psicanalítica, tentou esclarecer as motivações psíquicas da experiência religiosa.

Nos inúmeros textos em que “Freud abordou o tema da religião, ele se propôs a elaborar uma interpretação psicanalítica da psicogênese e da natureza do fenômeno religioso, bem como analisar o significado dos ritos e do comportamento religioso”.⁵²

⁴⁸ HOCH, 1985, p. 251, 252.

⁴⁹ FRANKL, Viktor E. *A presença ignorada de Deus*. Tradução de Walter O. Schlupp e Helga H. Reinhold. 10ª ed. São Leopoldo/Petrópolis: Sinodal/Vozes, 2007. p. 69.

⁵⁰ FRANKL, 2007, p. 9.

⁵¹ FRANKL, 2007, p. 7.

⁵² MACIEL, Karla Daniele De Sá Araújo; ROCHA, Zeferino de Jesus Barbosa. Dois discursos de Freud sobre a religião. *Revista Mal-estar e subjetividade-Fortaleza*, v. 8, n. 3, p. 729-754, Set. 2008. p. 730.

No entanto, de acordo com Maciel e Rocha⁵³, houve uma vulgarização do pensamento de Freud sobre a religião ao longo da história do movimento psicanalítico.⁵⁴ Expressões utilizadas por ele como: “a religião é uma ilusão”, ou ainda “a religião é inimiga da ciência”, contidas em alguns textos, ainda são utilizadas por muitos leigos ou mesmo conhecedores da Psicanálise para depreciar a religião e considerar Freud e a sua teoria como inimigos ferozes a serem combatidos. Por outro lado, por falta de um conhecimento mais completo e esclarecido da obra deste autor, foram desvalorizadas e esquecidas determinadas contribuições da psicanálise que poderiam enriquecer a compreensão metapsicológica do fenômeno religioso.⁵⁵

Conforme Fucks, Freud não pretendia unicamente depreciar a experiência religiosa à qual nunca aderiu, mas combater qualquer discurso que depreciasse o valor da vida e intimidasse a inteligência humana.

As baterias da psicanálise contra as religiões estão dirigidas muito mais às instituições religiosas que, através de seus “bezerros de ouro”, subjugam e unificam os crentes, impedindo-os de pensar. De maneira explícita, Freud criticou tanto em seus textos quanto em documentos de sua vida particular o judaísmo, o cristianismo e até mesmo o budismo, em função dos efeitos negativos que promovem sob o sujeito, a ponto de levá-lo ao fanatismo religioso.⁵⁶

Diferente da lógica aristotélica das contradições excludentes e distinções rigorosas, o pensamento de Freud se apresenta em toda a sua obra como uma “sucessão de ideias que abrigam coincidência de opostos, aporias, problemas lógicos, contradições e paradoxos [...]”, o que não é diferente quanto ao tema da religião.⁵⁷

Tal característica é percebida no pai da psicanálise quando constatamos que, dentre os muitos interlocutores com os quais ele se correspondeu estava Oskar

⁵³ MACIEL, Karla Daniele De Sá Araújo; ROCHA, Zeferino de Jesus Barbosa. Freud e a religião: possibilidades de novas leituras e construções teóricas. *Revista Psicologia, ciência e profissão*, v. 28, n. 4, p. 742-753, 2008. p. 743.

⁵⁴ Dentre as obras de Freud que abordam o tema da religião estão: *Atos Obsessivos e Práticas Religiosas* (1907), *Totem e Tabu* (1913), *O Futuro de uma Ilusão* (1927), *O Mal-estar da Civilização* (1930), *Novas Conferências Introdutórias à Psicanálise* (1933) e *Moisés e o Monoteísmo: três ensaios* (1935).

⁵⁵ Para saber mais sobre as diferentes visões de Freud sobre a religião, consultar os seguintes artigos: *Freud e a Religião: possibilidades de Novas Leituras e Construções Teóricas* e *Dois discursos de Freud sobre a religião*, dos mesmos autores.

⁵⁶ FUKS, Betty B. *O homem Moisés e a religião monoteísta – Três ensaios: O desvelar de um assassinato*. Rio de Janeiro: Civilização brasileira, 2014. p. 120.

⁵⁷ FUKS, 2014, p. 112.

Pfister (1873-1956), um pastor protestante, com quem Freud trocou cartas no período de 1909 a 1938. A Pfister, Freud afirmou:

A psicanálise em si não é nem religiosa nem antireligiosa, mas um instrumento apartidário do qual tanto o religioso como o laico poderão servir-se, desde que aconteça tão somente a serviço da libertação dos sofredores. Estou admirado de que eu mesmo não tenha me lembrado de quão grande auxílio o método psicanalítico pode fornecer à cura de almas, porém isto deve ter acontecido porque um mau herege como eu está distante dessa esfera de ideias.⁵⁸

De acordo com Santos, é preciso acolher as observações do pai da psicanálise a respeito da religião para além do viés negativo, uma vez que há um número considerável de práticas religiosas que, em lugar de favorecer o crescimento humano, servem como uma desculpa para uma pessoa se esquivar dos reais problemas da existência.

A religião inextricavelmente unida em seu nascimento aos sentimentos de culpabilidade, constitui o lugar onde ela pode nos armar as piores trapaças. A fé cristã pode se converter também em sua cúmplice e se aliar a seus elementos mais patogênicos. Desse modo, encerrada nos atoleiros do inconsciente, a fé pode converter-se num verdugo a serviço das pulsões de morte, traindo, assim, o que há de mais profundo em sua mensagem de liberdade.⁵⁹

2.1 Psicologia e Religião: possibilidades de diálogo

Atualmente, percebemos, por parte de alguns setores da Psicologia e da Psiquiatria, e até de outras especialidades dentro da medicina, uma abertura para a investigação do fenômeno religioso, assim como para um possível diálogo.⁶⁰

⁵⁸ FREUD, Ernst L.; MENG, Heinrich (Org.). *Cartas entre Freud & Pfister (1909-1939): um diálogo entre a psicanálise e a fé cristã*. Tradução de Karin Hellen Kepler Wondracek e Ditmar Junge. 3ª ed. Viçosa: Ultimato, 2009. p. 17.

⁵⁹ MORANO, Carlos Domínguez. *Crer depois de Freud*. São Paulo: Loyola, 2003. p. 167.

⁶⁰ Nos últimos anos tem aumentado consideravelmente o interesse da psiquiatria (mas também de outras especialidades da medicina) e da psicologia pelo estudo da religiosidade e da espiritualidade. Em Porto Alegre, a Associação de Psiquiatria do Rio Grande do Sul realizou, neste ano de 2017, o II Simpósio Internacional de Espiritualidade na Prática Clínica. Já a PUCRS (Pontifícia Universidade Católica do Rio do Grande do Sul), recebeu o XI Seminário Internacional Psicologia e Senso Religioso – Experiências religiosas, espirituais e anômalas: Desafios para a saúde mental; Também a USP, ainda em 2017, realizou o I Seminário Avançado do Inter Psi – USP, Psicologia, Ciência Cognitiva & Religião. E o Núcleo de Pesquisa em Espiritualidade e Saúde da UFJF realizará em 2018 o seu I Congresso Internacional de Saúde e Espiritualidade, para citar alguns exemplos de como estes temas têm chamado a atenção de vários pesquisadores.

Dalgallarrondo, em seu livro: *Religião, Psicopatologia e Saúde Mental*, afirma que, apesar da Psicologia, sobretudo a psicologia clínica, em algumas escolas ainda manter um profundo silêncio no que diz respeito à religião, à espiritualidade e à ideia de Deus, tem surgido um número crescente de médicos, médicas, psicólogos, psicólogas e demais pesquisadores no campo da saúde e dos transtornos mentais que têm pesquisado a religião como fenômeno humano recorrente e constitutivo da subjetividade e como uma das dimensões centrais da vida humana que, por esta razão, não deveria ser negligenciada.⁶¹

Ancona-Lopez, outra estudiosa que tem há algum tempo se debruçado sobre o tema, afirma que as religiões possuem conotações próprias na história dos indivíduos e na constituição de sua saúde mental. Por essa razão, ela está invariavelmente incluída em todo o atendimento clínico, mesmo se apenas implicitamente, e ignorá-la é perder um aspecto extremamente importante da formação pessoal.⁶² Aos psicólogos e psicólogas, segundo a autora, é imprescindível considerar as diferenças de sexo, status socioeconômico, características familiares, níveis educacionais, diferenças raciais e étnicas e, obviamente, das religiões enquanto componentes importantes da diversidade cultural. E, particularmente em relação à religiosidade, os profissionais precisam ter alguma familiaridade com as tradições religiosas e complementar seus conhecimentos com uma pesquisa clínica aprofundada da religiosidade singular de seu cliente. Tal conhecimento inclui

uma compreensão do envolvimento religioso na família de origem, da educação religiosa, das experiências formadoras de fé, das experiências geradas pelo contato com instituições, comunidades e tradições espirituais.⁶³

Para Souza, o sagrado, quando visto e acolhido pelo profissional que trata das angústias da alma humana e enquanto pertencente à história de cada indivíduo,

⁶¹ Cf. DALGALLARRONDO, Paulo. *Religião, psicopatologia e saúde mental*. Porto Alegre: Artmed, 2008. p. 20-25.

⁶² ANCONA-LOPEZ, Marília. Religião e psicologia clínica: quatro atitudes básicas. In: MAHFOUD, Miguel; MASSIMI, Marina (Org.). *Diante do mistério - Psicologia e senso religioso*. São Paulo: Loyola, 1999. p. 72.

⁶³ ANCONA-LOPEZ, 1999, p. 73, 74.

merece ser ainda mais estudado como elemento capaz de auxiliar no processo de elaboração de conflitos e tensões do sujeito.⁶⁴

Somente aqueles que se despirem de qualquer preconceito – seja com relação ao lugar da ciência na sociedade pós-moderna, ou com relação ao lugar do sagrado na experiência individual de cada ser – poderão desenvolver uma sensibilidade capaz de ouvir o outro em suas angústias; algumas articuladas pelos processos discursivos que trazem o sagrado. Sagrado que não precisa ser desqualificado como uma simples manifestação das disfunções e transtornos da alma, e sim como elemento integrador e reconciliador do homem consigo e com o semelhante.⁶⁵

Concluimos então que, embora os diálogos entre teóricos do comportamento humano e estudiosos dos fenômenos religiosos tenham avançado significativamente nas últimas décadas, ainda existe um longo caminho a ser percorrido, aproximando e fazendo convergir ciência e religião.

2.2 Psicologia e Teologia⁶⁶

Outra relação que nos interessa aqui e que vai nos dar pistas de como muitos pastores formularam algumas concepções em relação à Psicologia e, conseqüentemente, ao atendimento psicológico, é a entre Psicologia/Psicoterapia e Teologia/*Poimênica*.

A História nos revela que nas sociedades primitivas a cura, independentemente se fosse de ordem psíquica ou física, era uma função exclusivamente religiosa. Isso porque se entendia a doença como sendo oriunda da ação de poderes sobrenaturais. Com o advento do pensamento científico e da descoberta das causas biológicas e naturais da doença, no entanto, a cura foi sendo desvinculada da influência de poderes sobrenaturais e, por conseguinte, da esfera de ação do sacerdote.

As doenças físicas e psíquicas passam então, de forma crescente, a ser da competência secular do médico e, “ao sacerdote, fica reservada a tarefa de ministrar à alma’, considerada como uma esfera acientífica e atemporal do ser humano”.⁶⁷

⁶⁴ SOUZA, Edilson Soares. O Sagrado, o sujeito e a psicoterapia. *Via Teológica*, Curitiba, v. 1, n. 13, p. 23-32, jun. 2006. p. 31.

⁶⁵ SOUZA, 2006, p. 31.

⁶⁶ Quando comparamos a Psicologia e a Teologia neste tópico, estamos nos referindo à Teologia Cristã, mais especificamente à Teologia evangélica católica.

⁶⁷ HOCH, 1985, p. 254, 255.

Esta dicotomia entre corpo e alma contribuiu decisivamente para a separação entre a função secular do médico e, mais tarde, da do psicólogo e a função religiosa do “cura d’almas”. Aquilo que nas sociedades primitivas era uma unidade, passou a se constituir numa dualidade. Com isso a separação entre a medicina/psicologia, de um lado, e teologia/aconselhamento pastoral, de outro lado, era inevitável.⁶⁸

A Psicologia, desde os seus primórdios, como já observamos, encontrava-se ocupada em desvencilhar-se de suas raízes teológicas e filosóficas. Por isso, ela prescreveu para si totalmente o ideal epistemológico das ciências naturais de medição e cálculo, para perfilar-se enquanto ciência social empírica, desafiando, desta forma, o poder interpretativo da Teologia em relação à natureza do ser humano.

Compreensões adquiridas empiricamente através de enquetes e através do cálculo e interpretação de dados psicológicos ocuparam o lugar da antropologia filosófica e da exegese e hermenêutica teológica e trouxeram à tona novas imagens do ser humano. Com isso também surgiram ideais utópicos e modelos com cargas ideológicas.⁶⁹

Não é de admirar, portanto, que a pesquisa acadêmica do caráter, que estava em vias de emancipar-se do ensino cristão sobre a alma, tenha se afastado da Teologia, uma vez que a Psicologia é, por definição, uma disciplina antropocêntrica, enquanto que a Teologia, assim como o aconselhamento pastoral, são de caráter teocêntrico. Isso significa que certas perguntas fundamentais para as quais a Psicologia não pretende dar respostas, precisam ser respondidas pela Teologia.⁷⁰

Para Jorge Ponciano Ribeiro, não compete à Psicologia estudar Deus enquanto um objeto específico de conhecimento, tampouco ocupar-se com o relacionamento da pessoa com Deus, pois tal fato pertence à Teologia e à Teodiceia. Quem espera isso da Psicologia, está sobrecarregando-a com uma tarefa que ela mesma não pretende considerar como sendo de sua competência. Cabe à Psicologia, seguindo a trilha de suas origens filosóficas que estavam à procura de Deus, colocar-se na posição de escuta compartilhada e compromissada com milhares de clientes que têm, contida (às vezes de modo consciente, às vezes

⁶⁸ HOCH, 1985, p. 255.

⁶⁹ UTSCHE, 2013, p. 373.

⁷⁰ Cf. HOCH, 1985, p. 257 e UTSCHE, 2013, p. 369.

inconsciente) em sua demanda por atendimento, a ideia de Deus como mantenedora, doadora e organizadora do sentido de suas vidas.⁷¹

O que vemos, porém, é que

a Psicologia tem medo de perder sua cientificidade se introduzir Deus como um dos objetos de suas preocupações acadêmicas. Tornou-se, assim, prisioneira de suas próprias certezas. Não pode aceitar a ideia de Deus, porque não pode comprovar sua existência; não pode negá-la, porque bilhões de inteligências humanas convivem com a ideia de um Ser Superior. E aí a Psicologia ou uma certa psicologia tem feito a pior coisa que uma ciência pode fazer: faz de conta que Deus não é objeto de suas preocupações epistemológicas.⁷²

Como consequência, conforme o teólogo e psicólogo Michael Utsch, o diálogo entre Psicologia e Teologia tem se arrastado porque, em muitos contextos ainda, elas se contrapõem como rivais quanto à sabedoria da vida, justamente porque o que está em jogo é o protagonismo em relação à necessidade interpretativa e explicativa do cotidiano: um acontecimento deve ser interpretado sob o viés psicológico-imanente ou, em sentido amplo, sob uma perspectiva religioso-transcendente?⁷³

Utsch revela que na Alemanha, e percebemos que não é diferente no Brasil⁷⁴, a Teologia sofreu uma perda de relevância significativa nas últimas décadas. Em contrapartida, interpretações psicológicas souberam tirar proveito dessa perda de significado da compreensão da realidade a partir do horizonte eclesial-cristão e, hoje em dia, ostentam, em parte, sem constrangimento algum, como instâncias de atribuição de sentido e como normas de orientação.⁷⁵

Suspeitas da Psicologia em relação à teoria teológica sobre a pessoa foram formuladas no sentido de que a perspectiva teológica pouco valoriza a sensualidade e a corporeidade do ser humano e produz doenças obsessivo-compulsivas com suas ideias morais rígidas e alheias ao mundo. Já suspeitas de parte da Teologia em relação à Psicologia foram, por exemplo,

⁷¹ Cf. HOLANDA, Adriano Furtado (Org.). *Psicologia, religiosidade e fenomenologia*. 2ª ed. Campinas: Editora Alínea, 2015. p. 19; HOCH, 1985, p. 257.

⁷² HOLANDA, 2015, p. 15.

⁷³ UTSCH, 2013, p. 372.

⁷⁴ "Aqui no Brasil, não por último devido à posição teológica dicotômica assumida pela própria Igreja através da história, esta atitude de desconfiança, e até de desprezo, em relação à tarefa do aconselhamento pastoral tem sido sentida de forma especial em clínicas psicoterapêuticas e hospitais, onde a convivência de médicos/psicólogos e pastores é inevitável. Há obreiros que se sentem inseguros e desconfortáveis quando são surpreendidos junto ao leito de um paciente por um médico ou psicoterapeuta. Sentem-se como se estivessem atrapalhando" (HOCH, 1985, p. 255).

⁷⁵ UTSCH, 2013, p. 372.

formuladas no sentido de que lá se praticaria um culto sistemático em torno do próprio ego.⁷⁶

Vemos então que, neste diálogo entre o teológico e o psicológico, existe um vasto temário e um extenso caminho a percorrer. Conforme Jorge León, o pastor não é um intruso quando percorre o campo psicológico, uma vez que o cuidado das almas e das mentes, como já pudemos verificar, foi uma função exclusivamente religiosa por vários milênios, assim reconhecida por representantes famosos da psicologia e da psiquiatria.⁷⁷

Sendo assim, Utsch defende⁷⁸ que para ser possível um diálogo crítico recíproco entre a Psicologia e a Teologia, ambas precisam apontar uma para os limites da outra: a Teologia para a questão das premissas antropológicas e cosmovisivas que servem de fundamento à Psicologia, e esta para os aspectos fundamentais do sentir, pensar e agir religioso, muitas vezes ignorado por aquela.

Para Lothar Hoch, o auto-conhecimento da pessoa humana e suas motivações mais profundas precisam fazer parte das preocupações de uma Teologia que acentua a historicidade e a falibilidade de toda a ação humana. Desta forma, a Psicologia pode ajudar o teólogo (e o não teólogo) a refletir criticamente e também se conscientizar de suas limitações e necessidades, bem como dos condicionamentos psicológicos que o escravizam. Não os considerar é enganar-se a si mesmo, o que pode fazer da Teologia uma cúmplice na fuga do teólogo de um confronto consigo mesmo. “A encarnação de Cristo não se deu apenas para dentro de contextos sofridos da sociedade; ela se deu também para dentro das profundezas mais escuras da nossa individualidade”.⁷⁹

O aconselhamento pastoral não precisa ter receio de se tornar herético quando coloca a pessoa humana no centro de suas preocupações. Também Deus se fez homem para resgatar a pessoa humana em toda a profundidade da sua humanidade. Só que, ao contrário da psicologia, a teologia e o aconselhamento pastoral não se limitam à dimensão antropológica da pessoa. O antropocentrismo é apenas provisório e instrumental. O objetivo último do aconselhamento é a relação da pessoa com Deus.⁸⁰

⁷⁶ UTSCH, 2013, p. 373.

⁷⁷ LEÓN, Jorge A. *Introdução à Psicologia Pastoral*. Tradução de Ruth Maria Maestre. São Leopoldo: Sinodal, 1996. p. 18.

⁷⁸ UTSCH, 2013, p. 364.

⁷⁹ HOCH, 1985, p. 250.

⁸⁰ HOCH, 1985, p. 257, 258.

Para o psiquiatra Dan Blazer, “as crenças e ações religiosas, assim como o sofrimento emocional, são urdidas no mesmo tecido da história de vida de uma pessoa”.⁸¹ Consequentemente, muito do que temos aprendido através das ciências psicológicas, como estudos sobre a memória, desenvolvimento da personalidade, crescimento social e intelectual e transições críticas da vida (como a adolescência), entre outros conhecimentos, e que nos informam sobre o funcionamento do ser humano, precisam ser integrados à história de vida de uma pessoa, incluindo aí também a sua história espiritual.⁸²

Para Hoch, enquanto a Psicologia tradicional tem procurado a origem dos problemas no passado, mais precisamente na trajetória biográfica das pessoas, para explicar muitos dos comportamentos humanos, a Teologia e a pastoral de aconselhamento trazem consigo uma mensagem que rompe com o determinismo que considera o presente como um simples desdobramento destes condicionamentos adquiridos na infância, e que revela que nosso passado pessoal pode ser marcado pela ação de Deus que incide sobre nossa vida. “A Teologia está aberta para uma ação de Deus que rompe esquemas fixos e redimensiona a vida individual e coletiva em moldes totalmente novos e imprevisíveis”⁸³.

Ainda que uma Teologia da encarnação reconheça que a ajuda de Deus é mediada através da ação humana, ela se nega a confiar no próprio ser humano como fonte de todo o potencial terapêutico necessário para a sua libertação total. A Teologia proclama o caráter “extra nos” da verdadeira salvação. Em outros termos: ela tem consciência de que o pecado faz parte de nossa natureza humana. Isso não a impede de valorizar o potencial humano para auto-ajudar-se. Nem tampouco transfere e delega para Deus o que é de competência e responsabilidade humana. A consciência do pecado é expressão teológica do reconhecimento da incapacidade do homem de ser ele mesmo artífice da plenitude de vida pretendida pelo Criador.⁸⁴

De igual forma, Psicologia e Teologia têm seu lugar e importância no auxílio que podem oferecer ao ser humano. Pretender que a “assistência médica da alma”, como afirma Frankl, substitua a “assistência pastoral da alma”, é ignorar a diferença existente quanto à intencionalidade de cada uma destas disciplinas.⁸⁵

⁸¹ BLAZER, 2002, p. 249.

⁸² BLAZER, 2002, p. 249, 250.

⁸³ HOCH, 1985, p. 262 - 263

⁸⁴ HOCH, 1985, p. 262, 263.

⁸⁵ FRANKL, 2007, p. 71.

2.3 Psicoterapia ou Aconselhamento Pastoral?

Para que possamos responder esta pergunta, precisamos delimitar o campo de atuação e o papel de cada uma no tocante ao auxílio que elas podem oferecer às pessoas em sofrimento, tendo em vista que tanto a Psicologia quanto a Teologia ocupam-se igualmente do mesmo ser humano e de sua libertação, apesar de, em alguns ambientes, elas ainda se mostrarem como “rivais quanto à sabedoria da vida”, como nos apontou Michael Utsch.⁸⁶ Haveria então como nos beneficiarmos destes dois conhecimentos?

2.3.1 Psicoterapia: uma ferramenta da Psicologia

Em meados do século XIX, com o objetivo de tratar, remover ou modificar sintomas de natureza emocional e promover o crescimento e o desenvolvimento da personalidade, surgem as psicoterapias no Ocidente. Estas variam em relação às escolas filosóficas, às perspectivas epistemológicas, às teorias e aos métodos que utilizam como orientação de suas intervenções práticas.⁸⁷

Quanto às diferenças, similaridades e eficácia das terapias, Peres, Simão e Nasello apontam que, entre a publicação do artigo “*Some implicit common factors in diverse methods of psychotherapy*” por Rosenzweig em 1936, até a discussão sobre o tema, realizada por Goldfried em 1999, o mesmo dado foi encontrado: existe pouca ou nenhuma diferença entre as principais escolas de psicoterapia em termos de efetividade global.

Atualmente, o que se conclui é que

as áreas de concordância entre as abordagens psicoterápicas continuam mais expressivas que as diferenças, sobressaindo em especial quatro aspectos: a similaridade dos objetivos; a relação terapeuta-cliente tem papel central nos processos; o cliente responsabiliza-se pelas escolhas; e a promoção da compreensão do “eu” pelo cliente.⁸⁸

Consequentemente, por razões históricas e também doutrinárias, é impossível à Psicologia uma unidade metodológica. Sendo assim, ao invés de

⁸⁶ JUNG, 2012, p. 372.

⁸⁷ PERES, Julio Fernando Prieto; SIMÃO, Manoel José Pereira; NASELLO, Antonia Gladys. Espiritualidade, religiosidade e psicoterapia. *Rev. psiquiatr. clín.*, São Paulo, supl. 1, n. v. 34, p. 136-145, 2007, p. 137.

⁸⁸ PERES; SIMÃO; NASELLO, 2007, p. 137, 138.

falarmos em “Psicologia”, talvez fosse preferível falarmos em “ciências psicológicas”, porque podem especificar ao mesmo tempo

tanto um domínio de pesquisa (psicologia diferencial), um estilo metodológico (psicologia clínica), um campo de práticas sociais (orientação, reeducação, terapia de distúrbios comportamentais etc.), quanto determinada escola de pensamento que chega a definir, para seu próprio uso, tanto sua problemática quanto seus conceitos e instrumentos de pesquisa. [...] Donde não haver nenhum inconveniente em falarmos de “psicologias” plural. Numa época de mutação acelerada como a nossa, a Psicologia se situa no imenso domínio das ciências “exatas”, biológicas, naturais e humanas. Há diversidade de domínio e diversidade de métodos. Uma coisa, porém, precisa ficar clara: os problemas psicológicos não são feitos para os métodos; os métodos é que são feitos para os problemas.⁸⁹

Conforme Bock, as três grandes teorias ou sistemas teóricos responsáveis pelas matrizes da Psicologia contemporânea são: a **Psicanálise**, a **Gestalt** e o **Behaviorismo**.⁹⁰ De uma forma muito resumida, descreveremos cada uma destas abordagens teóricas aqui.

A Psicanálise é tanto uma teoria da personalidade quanto um método de psicoterapia. Seu fundador, Sigmund Freud, privilegiou o estudo do **inconsciente**. Ele acreditava que os desejos inaceitáveis (proibidos ou castigados) da infância são retirados da percepção consciente e tornam-se parte do inconsciente, onde continuam a influenciar nossos pensamentos, sentimentos e ações. Pensamentos inconscientes são expressos de várias formas: sonhos, erros de linguagem e peculiaridades de comportamento.⁹¹

Freud usava o método de *associação livre*, no qual o paciente era instruído a dizer tudo o que ele estivesse pensando naquele momento, como uma forma de acessar o inconsciente e de lá trazer o seu conteúdo para a consciência. Na teoria freudiana clássica, as motivações por trás dos desejos inconscientes quase sempre envolviam sexo ou agressão. Por esse motivo, a Psicanálise enfrentou muita resistência quando foi proposta pela primeira vez. No entanto, ainda que a maioria dos psicólogos contemporâneos não aceitem totalmente a concepção de inconsciente de Freud, “eles tendem a concordar que os indivíduos não têm plena consciência de alguns aspectos importantes de seu comportamento”.⁹²

⁸⁹ JAPIASSU, 1983 apud BOCK; FURTADO; TEIXEIRA, 2008, p. 30.

⁹⁰ BOCK; FURTADO; TEIXEIRA, 2008, p. 90.

⁹¹ ATKINSON et al., 2002, p. 31.

⁹² ATKINSON et al., 2002, p. 31.

Como explica Atkinson, Gestalt é uma palavra alemã que significa “forma” ou “configuração”, e foi usada para designar a abordagem criada por Max Wertheimer e seus colegas Kurt Koffka e Wolfgang Köhler. Os psicólogos da *Gestalt* estavam interessados na percepção “e acreditavam que as experiências perceptivas dependiam dos *padrões* formados pelos estímulos e da *organização* da experiência”⁹³.

O que vemos está relacionado com o pano de fundo contra o qual aparece um objeto, bem como com outros aspectos do padrão geral de estimulação. Assim, o todo é diferente da soma de suas partes, uma vez que o todo depende dos relacionamentos entre as partes.⁹⁴

Estes interesses na percepção do movimento, em como as pessoas avaliam o tamanho e na aparência das cores com diferente iluminação, levaram a “diversas interpretações centradas na percepção da aprendizagem, da memória e da resolução de problemas que ajudaram a estabelecer as bases para a atual pesquisa em psicologia cognitiva”.⁹⁵

O *Behaviorismo*, cujo fundador é John B. Watson⁹⁶, constitui um ramo puramente objetivo da Ciência Natural, e teve maior influência na psicologia científica na América do Norte. Seu objetivo teórico é a predição e o controle do comportamento. “Watson afirmava que quase todo o comportamento é resultado do condicionamento e que o ambiente molda o comportamento reforçando hábitos específicos”.⁹⁷

Desde Watson, o termo “comportamento” não se refere somente a uma ação isolada de um sujeito, mas a uma interação entre aquilo que o sujeito faz e o ambiente onde ele executa a sua ação. Portanto, “o *Behaviorismo* dedica-se ao estudo das interações entre o indivíduo e o ambiente, entre as ações do indivíduo (respostas) e o ambiente (estimulações)”.⁹⁸

Quanto às demais abordagens teóricas e psicoterápicas, destacamos duas que se aproximam dos temas religiosos e teológicos porque consideram, em seu

⁹³ ATKINSON et al., 2002, p. 31.

⁹⁴ ATKINSON et al., 2002, p. 31.

⁹⁵ ATKINSON et al., 2002, p. 31.

⁹⁶ A pesquisa do fisiólogo russo Ivan Pavlov sobre a resposta condicionada era considerada uma área importante da pesquisa comportamental, mas foi Watson o responsável pela ampla influência do *behaviorismo* (cf. ATKINSON et al., 2002, p. 30).

⁹⁷ ATKINSON et al., 2002, p. 30. Cf. FADIMAN, 1986, p. 191.

⁹⁸ BOCK; FURTADO; TEIXEIRA, 2008, p. 59.

escopo, o tema da espiritualidade, a saber: o Humanismo de Carl Rogers e a Logoterapia de Viktor Frankl.

Viktor Frankl afirma que tomou o termo “logoterapia” para designar a sua teoria porque a palavra “logos”, oriunda do grego, significa “sentido”. A Logoterapia ou, como também é conhecida, “a ‘Terceira Escola Vienense de Psicoterapia’, concentra-se no sentido da existência humana, bem como na busca da pessoa por esse sentido”, que, conforme o autor, é a principal força motivadora no ser humano.⁹⁹

É tarefa da Logoterapia, portanto, ajudar o paciente a encontrar sentido em sua vida, na medida em que o conscientiza do “logos” oculto de sua existência; trata-se de um processo analítico, o que, segundo Frankl, torna a Logoterapia semelhante à psicanálise neste aspecto.¹⁰⁰

Izar Xausa afirma que coube a Frankl cunhar o conceito de “inconsciente transcendental”, cuja riqueza não está circunscrita somente à dimensão da religiosidade,

mas também se refere à dimensão intelectual ou artística, consideradas como forças primárias e dinamizadoras deste mesmo inconsciente. Com isso Frankl restitui à produção humana e à criação artística a dignidade que lhes é merecida, pois emergem não do “porão” dos instintos, mas das alturas do espírito.¹⁰¹

A Logoterapia, portanto, é uma abordagem psicoterápica que, sem perder o rigor científico, introduz a noção de transcendência na ciência do ser humano, transformando-se numa mensagem libertadora dos determinismos, tanto psicológicos como sociais.¹⁰²

Já Carl Rogers desenvolveu uma teoria da personalidade a partir de sua denominada *terapia centrada no cliente ou terapia centrada na pessoa*. Ele propôs que cada pessoa ou cliente possui uma tendência inata para atualizar as capacidades e potenciais do eu, e que cabe a ela ou ele portanto, e não ao terapeuta, a responsabilidade pela mudança.¹⁰³

Rogers não acreditava que as pessoas pudessem ser controladas por forças inconscientes ou por experiências da infância. Segundo ele, “a personalidade é

⁹⁹ FRANKL, Viktor E. *Em busca de sentido: um psicólogo no campo de concentração*. Trad. Walter O. Schlupp e Carlos C. Aveline. 25 ed. São Leopoldo/ Petrópolis: Sinodal/ Vozes, 2008. p. 124.

¹⁰⁰ FRANKL, 2008, p. 128.

¹⁰¹ FRANKL, 2007, p. 8.

¹⁰² FRANKL, 2007, p. 8.

¹⁰³ SCHULTZ; SCHULTZ, 1981, p. 397

moldada pelo presente e pela maneira como o percebemos conscientemente.”¹⁰⁴ A auto-realização é o nível mais alto de saúde psicológica, e é alcançada por meio de um processo que Rogers denominou “funcionamento pleno”.

Para Rogers, as pessoas que alcançaram seu pleno funcionamento se caracterizam por uma abertura a toda experiência, uma tendência a viver plenamente cada momento, a capacidade de serem guiadas pelos próprios instintos, e não pela razão ou pelas opiniões dos outros, um sentido de liberdade de pensamento e de ação e um alto grau de criatividade.¹⁰⁵

Haveria ainda muitas outras abordagens teóricas e psicoterápicas as quais poderíamos explicitar, no entanto, devido ao espaço resumido, preferimos destacar as citadas acima e aquelas que deram fundamento para as teorias posteriores.¹⁰⁶

2.3.2 Poimênica ou Aconselhamento pastoral: ferramentas da Teologia

O termo “aconselhamento pastoral”, traduzido para o português da expressão em inglês *pastoral counseling*, e muito utilizada no contexto norte-

¹⁰⁴ SCHULTZ; SCHULTZ, 1981, p. 398.

¹⁰⁵ SCHULTZ; SCHULTZ, 1981, p. 398.

¹⁰⁶ Após vinte anos da fundação do movimento psicanalítico, este se dividiu em facções concorrentes lideradas por analistas que discordavam de Freud em pontos básicos. Embora não contestassem por inteiro sua orientação psicanalítica, eles tentaram corrigir o que consideravam deficiências e inadequações sérias nas formulações freudianas. Entre estes encontram-se aqueles que foram considerados dissidentes, como: Carl Jung, Alfred Adler e Karen Horney, e os descendentes, como: Gordon Allport, Henry Murray e Erik Eriksson, que desenvolveram suas abordagens depois da morte de Freud. Além destes há também os Neofreudianos, como Anna Freud e Heinz Hartmann. “Há na tradição psicanalítica uma fragmentação consideravelmente maior do que no âmbito da posição comportamentalista. Apesar das mudanças introduzidas pelos neocomportamentalistas e pelos neo-neocomportamentalistas, todos partilham a crença de John B. Watson segundo o qual o comportamento, em alguma forma, deve permanecer como foco de estudo (SCHULTZ; SCHULTZ, 1981, p. 356, 384). Duas outras abordagens derivadas destas três grandes teorias são a Psicologia Transpessoal, que surgiu nos EUA, em 1969, “a partir do encontro de Abraham Maslow, Stanislaw Grof e outros importantes psicólogos e teóricos e [...] buscava integrar à psicologia as vivências espirituais e as experiências chamadas ‘transpessoais’, caracterizadas por um estado de consciência superior, que contém todas as experiências anteriores do indivíduo e prossegue no sentido de conduzir o ser humano em direção à transcendência” (PARIZI, Vicente Galvão. Psicologia transpessoal: algumas notas sobre sua história, crítica e perspectivas. *Psicologia Revista*. São Paulo, n. 14, p. 109-128, maio 2005. p. 109); e a Psicologia Cognitiva, que é uma área da psicologia que entende a cognição como um sistema que organiza as funções cognitivas (memória, linguagem, percepção, pensamento, etc). “A crença fundamental por trás dessa perspectiva é que esse sistema só é possibilitado por uma estrutura física que é o cérebro. Uma associação que poderíamos fazer para exemplificar é que a cognição funciona como nosso sistema operacional, enquanto nosso cérebro é nosso hardware, cada função cognitiva é um software”. (SARGIANI, Renan. Você sabe o que é Psicologia Cognitiva? *Psicologia explica*, 11 mar. 2012. Disponível em: <http://www.psicologiaexplica.com.br/voce-sabe-o-que-e-psicologia-cognitiva/>. Acesso em: 02 dez. 2017).

americano do século XX, é considerada por muitos como uma expressão problema, pois sugere

que aconselhamento seria em primeiro lugar uma atividade do pastor como ministro ordenado e implicaria uma relação de poder que não deixa espaço para a livre articulação do seu parceiro de comunicação e para o desenvolvimento independente do mesmo.¹⁰⁷

Outros termos técnicos usados neste contexto são: *poimênica*, do grego *poimen*, que significa “a ciência do agir do pastor”, *clínica pastoral*, que diz respeito ao “acompanhamento pastoral na área da saúde” e *psicologia pastoral*, que contempla “a interpretação da pastoral sob a perspectiva psicológica”. Quanto às expressões usadas para designar aqueles e aquelas que são parceiros(as) na conversação, estão: *paciente*, *cliente* e *aconselhando ou aconselhanda*.

Conforme Schneider-Harpprecht, todas estas palavras têm a sua origem na medicina, na psicanálise e no método psicoterápico de Carl Rogers¹⁰⁸ e designam uma relação de poder.

A tendência de entender a atividade do aconselhamento pastoral a partir da medicina tem as suas raízes já na igreja antiga e deve-se à tradição do platonismo, que transparece no conceito clássico de *cura d'almas*, o qual entende como tarefa principal do pastor a salvação da alma imortal através da confissão e absolvição.¹⁰⁹

Para o autor, este problema do “poder” precisa ser relativizado, pois essa atividade, além de não ter que se restringir apenas aos ministros e ministras ordenados, deve-se constituir em uma relação livre entre dois parceiros iguais.¹¹⁰ Sendo assim, ele define a *poimênica* e o aconselhamento pastoral da seguinte forma:

Definimos a *poimênica* como o ministério de ajuda da comunidade cristã para os seus membros e para outras pessoas que a procuram na área da saúde através da convivência diária no contexto da igreja, e definimos o aconselhamento pastoral como uma dimensão da *poimênica* que procura

¹⁰⁷ SCHNEIDER-HARPPRECHT, Christoph (Org.). *Teologia Prática no contexto da América Latina*. 3ª ed. Rev e ampl. São Leopoldo: Sinodal/Est, 2011. p. 256.

¹⁰⁸ “Carl Rogers é conhecido por uma abordagem popular de psicoterapia denominada **terapia centrada na pessoa** ou **terapia centrada no cliente**. Atribuindo a responsabilidade da mudança à pessoa ou cliente, e não ao terapeuta, como é o caso da psicanálise ortodoxa. Rogers supôs que as pessoas podem alterar consciente e racionalmente seus pensamentos e comportamentos indesejáveis, tornando-os desejáveis” (SCHULTZ; SCHULTZ, 1981, p. 397, 398).

¹⁰⁹ SCHNEIDER-HARPPRECHT, 2011, p. 256.

¹¹⁰ Parceiros iguais fala de uma relação simétrica.

ajudar através da conversação e outras formas de comunicação metodologicamente refletidas.¹¹¹

Schneider-Harpprecht acrescenta ainda que os principais objetivos do aconselhamento pastoral são: descobrir com as pessoas o significado concreto da liberdade cristã dos pecadores, cujo direito de viver e cuja aceitação vêm da graça de Deus, e ajudá-las para que possam viver, de uma maneira consciente e adulta, a sua relação com Deus, consigo mesmas e com o próximo.

Dessa forma, a *poimênica* e o aconselhamento pastoral revelam-se “como uma expressão da vida da comunidade e não como uma tarefa reservada para pastores, pastoras ou outros especialistas da igreja”.¹¹² Trata-se de uma forma específica do discurso humano, cujo fundamento social é a convivência no contexto da igreja¹¹³, a *koinonia* (comunhão) dos membros, que tem, para os cristãos e cristãs, um significado espiritual: na convivência da comunidade acontece a comunhão com Jesus Cristo, o Filho de Deus encarnado que se torna presente “onde dois ou três se reúnem no nome dele”.¹¹⁴

2.3.3 Tipos de aconselhamento pastoral na América Latina

Schneider-Harpprecht revela que a maioria dos livros escritos sobre o aconselhamento pastoral na América Latina são traduções de textos escritos no contexto norte-americano, que mostram apenas “algumas semelhanças com o contexto latino-americano (organização congregacionista das igrejas, separação de Igreja e Estado, fortes movimentos fundamentalistas, problemas raciais, sociedade multicultural de imigrantes)”.¹¹⁵ Na América Latina, de acordo com o autor, a forma predominante de aconselhamento pastoral

consiste no sistema de penitência e na *poimênica* sacramental (Santa Ceia, Unção dos Enfermos) da igreja católica, porém assumiu, especialmente na convivência das comunidades eclesiais de base, formas e práticas mais comunitárias.¹¹⁶

¹¹¹ SCHNEIDER-HARPPRECHT, 2011, p. 256.

¹¹² SCHNEIDER-HARPPRECHT, 2011, p. 257.

¹¹³ O Termo igreja, aqui, refere-se aos membros de uma congregação.

¹¹⁴ SCHNEIDER-HARPPRECHT, 2011, p. 257.

¹¹⁵ SCHNEIDER-HARPPRECHT, 2011, p. 266.

¹¹⁶ SCHNEIDER-HARPPRECHT, 2011, p. 266.

E no Brasil, por causa da influência histórica da Teologia europeia, existem desde propostas mais ortodoxas de aconselhamento pastoral a formas mais liberais, conforme a respectiva posição do pastor ou da pastora, além, também, da influência de “fortes tendências de religiosidade popular e de práticas de aconselhamento e terapia integral, como a benzedura, e rituais da religiosidade afro, que minavam o aconselhamento como instrumento do poder pastoral”.¹¹⁷

A ala evangélica das igrejas, conforme Schneider-Harpprecht, promove a psicologia pastoral e tenta conciliá-la com a crença fundamentalista, enquanto que a teologia da libertação, durante muito tempo, “manteve uma atitude crítica frente à psicologia, uma postura que, após a queda do socialismo, está mudando com a redescoberta da importância da experiência do indivíduo para a teologia da libertação”.¹¹⁸

Portanto, atualmente, na América Latina predominam quatro modelos teóricos de aconselhamento pastoral: a) o modelo fundamentalista; b) o modelo evangelical de psicologia pastoral; c) o modelo holístico de libertação e crescimento e d) o modelo contextual de uma *poimênica* da libertação.

O modelo fundamentalista, baseado no “aconselhamento *noutético*”¹¹⁹ promovido pelo teólogo norte-americano Jay E. Adams, vê a Bíblia como o único fundamento para conduzir a vida do cristão. É ela que mostra como a desobediência a Deus cria todo o sofrimento e a doença nos seres humanos. O aconselhamento, por sua vez, deve levar a pessoa à salvação através da morte do “velho homem” e da ressurreição para um novo modo de vida em Cristo e conforme as regras divinas do comportamento humano. O seu método é a confrontação das pessoas com seus pecados e a “exigência” de que elas se responsabilizem pelos seus atos.¹²⁰

Assim, ao conceito de *noutétese* deve-se acrescentar a dimensão adicional da confrontação verbal pessoa a pessoa. A *noutétese* pressupõe uma

¹¹⁷ SCHNEIDER-HARPPRECHT, 2011, p. 266.

¹¹⁸ SCHNEIDER-HARPPRECHT, 2011, p. 266.

¹¹⁹ “Para Adams, a ‘técnica bíblica’ por excelência é, indubitavelmente, aquela a que chama *aconselhamento noutético*. O adjetivo deriva do verbo grego *noutheteo* e do substantivo correspondente *nouthesia*, [...] Adams [...] declara haver três ‘elementos básicos’ dentro da prática do aconselhamento noutético: 1. Efetuar mudança de conduta e de personalidade; 2. Confrontação verbal em relação interpessoal; 3. Motivação pelo amor - para o bem do cliente e para a glória de Deus. [...] Ao escolher as palavras ‘*noutéticas*’ (no Novo testamento, *noutheteo* ocorre oito vezes, e *nouthesia*, três) e negligenciando um elenco de alternativas, das quais *parakaleo* (109 ocorrências) e *paraklesis* (29 vezes), parece que Adams favorece o estilo mais diretivo e admoestador daquelas ao modo mais animador e consolador destas”. (HURDING, 1995, p. 322-330).

¹²⁰ SCHNEIDER-HARPPRECHT, 2011, p. 267.

confrontação do tipo de aconselhamento cujo objetivo é realizar mudança de comportamento e de caráter no cliente. Em si mesma, a palavra nem inclui nem exclui uma situação de aconselhamento formal. Ela é suficientemente ampla para abranger a confrontação formal e a informal. No seu uso bíblico, a confrontação noutética visa a pôr em ordem o indivíduo mediante a mudança de seus esquemas de conduta, de modo que estes se enquadrem nos padrões bíblicos.¹²¹

Para Adams, o desconforto humano só pode ser atribuído ao pecado pessoal ou a uma disfunção física.

Não existe território intermediário de “doença mental” ou perturbação psicológica que não seja induzido pelo pecado. [...] Biblicamente falando, não há base para o reconhecimento da existência de uma disciplina separada e distinta chamada psiquiatria. Nas Escrituras há somente três fontes originadoras de problemas pessoais na vida diária: a atividade dos demônios (sobretudo a possessão), o pecado pessoal e as enfermidades físicas. [...] Todas as opções podem ser cobertas por esses três fatores, não havendo espaço disponível para um quarto: as enfermidades mentais não-orgânicas.¹²²

Para Schneider-Harpprecht, chama a atenção, nesse modelo, a falta de qualquer reflexão sobre o contexto social, histórico e cultural do aconselhando e da aconselhanda. De acordo com Adams, as verdades transculturais e eternas da Bíblia se aplicam a todas as pessoas. Alguns críticos, mesmo sendo do ambiente evangélico, se perguntam se a Bíblia foi realmente escrita como um manual de aconselhamento, como este autor afirma. Além de comentarem que “a leitura bíblica de Adams está dominada por uma visão de obrigação e obediência que não valoriza suficientemente o aspecto da liberdade cristã e da graça divina”.¹²³

O modelo evangelical de psicologia pastoral, diferente do modelo fundamentalista, vê a psicologia como aliada e a utiliza para realizar um aconselhamento mais efetivo. O psicólogo Gary Collins justifica isso da seguinte forma:

Toda verdade emana de Deus, inclusive a verdade sobre as pessoas que ele criou. Ele revelou sua verdade através da Bíblia, a Palavra de Deus escrita para a humanidade, mas também permitiu que nós a descobríssemos através da experiência e da aplicação dos métodos da investigação científica. A verdade descoberta precisa estar sempre de acordo com a norma da verdade revelada na Bíblia, e com ela deve ser sempre conferida. No entanto, estaremos limitando nossa capacidade de aconselhamento se adotarmos o ponto de vista de que as descobertas da psicologia não podem contribuir em nada para a compreensão e solução de problemas. Nossa integridade fica comprometida quando rejeitamos a

¹²¹ ADAMS, Jay E. *Conselheiro capaz*. São Paulo, SP: Fiel, 1977. p. 59.

¹²² HURDING, 1995, p. 320.

¹²³ SCHNEIDER-HARPPRECHT, 2011, p. 267.

psicologia abertamente, mas escamoteamos seus conceitos em nosso processo de aconselhamento – às vezes ingenuamente e sem nem nos darmos por conta de que estamos fazendo isso.¹²⁴

Schneider-Harpprecht informa que, segundo Collins, o objetivo principal do aconselhamento é a evangelização e o discipulado, a fim de que as pessoas desfrutem de uma vida abundante na terra e, no além, a vida eterna prometida aos fiéis. “Ele visa a auto compreensão, comunicação, aprendizado e modificação de comportamento, autor realização e apoio”.¹²⁵

O aconselhamento pastoral está inserido na visão de uma “comunidade terapêutica”, na qual ministros e leigos encontram-se igualmente engajados. Entre os seus alvos também estão: oferecer apoio à igreja, cura para os perturbados e orientação àqueles que precisam tomar decisões e estão seguindo em direção à maturidade.

A crítica que Schneider-Harpprecht faz a este modelo é a de que ele subordina a psicologia ao negar que ela possa oferecer um crescimento integral, que encaminhe a pessoa a tornar-se plena, “pois o indivíduo colocado ‘sob Jesus Cristo’ se torna pessoa como se a integralidade da pessoa estivesse reservada exclusivamente aos cristãos”.¹²⁶ Além disso, embora haja um forte engajamento na comunidade e na família, esse modelo “não fornece instrumentos para um trabalho que inclua o contexto social e político de pobreza e marginalização”.¹²⁷

O modelo holístico de libertação e crescimento, cujo representante é o pastor norte-americano Howard Clinebell, tem como premissa a “integralidade centrada no Espírito”. Este modelo parte de uma visão holística do ser humano, baseada na antropologia bíblica, “que descreve o ser humano como imagem de Deus, criado à sua semelhança como pessoa na integralidade de corpo, mente e espírito e em relação com os outros, a comunidade”.¹²⁸

Os objetivos do aconselhamento de crescimento proposto por Clinebell são descritos sob o aspecto de crescimento, libertação e integridade e são perseguidos pessoal, relacional e institucionalmente.¹²⁹ Desta forma, ele entende a *Poimênica* como uma função da comunidade inteira, um “ministério amplo e inclusivo de cura e

¹²⁴ COLLINS, 2004, p. 24.

¹²⁵ SCHNEIDER-HARPPRECHT, 2011, p. 268.

¹²⁶ SCHNEIDER-HARPPRECHT, 2011, p. 268, 269.

¹²⁷ SCHNEIDER-HARPPRECHT, 2011, p. 269.

¹²⁸ SCHNEIDER-HARPPRECHT, 2011, p. 269.

¹²⁹ HURDING, 1995, p. 355.

crescimento mútuos dentro de uma congregação e de sua comunidade, durante todo o ciclo da vida”.¹³⁰ Portanto, a igreja local deveria procurar torna-se esse organismo terapêutico, estimulador de crescimento e redentor, onde, espontaneamente, acontece um ministério recíproco “com membros individuais procurando dar-se a si próprios, ‘como um Cristo para o meu próximo’, nas palavras de Lutero”.¹³¹

Já o Aconselhamento pastoral, que constitui uma dimensão da *poimênica*,

é a utilização de uma variedade de métodos de cura (terapêuticos) para ajudar as pessoas a lidar com seus problemas e crises de uma forma mais conducente ao crescimento e, assim, a experimentar a cura de seus quebrantamentos. O aconselhamento pastoral é uma função reparadora, necessária quando o crescimento das pessoas é seriamente comprometido ou bloqueado por crises. As pessoas precisam de *poimênica* durante a vida toda. Elas podem precisar de aconselhamento pastoral, geralmente de curto prazo, em tempos de graves crises.¹³²

Clinebell acrescenta ainda que “a *poimênica* é uma resposta à necessidade que cada pessoa tem de calor, sustento, apoio e cuidado”. Estas necessidades aumentam em períodos de estresse pessoal e de caos social. O aconselhamento pastoral, por sua vez, revela-se como uma forma reparadora da *poimênica*, proporcionando cura às pessoas que sofrem de disfunção e quebrantamento induzidos por uma crise.¹³³

Schneider-Harpprecht e Hurdling concordam que, por vezes, a visão de Clinebell acerca da natureza humana, que vê “tanto o pecado individual quanto o coletivo como apenas uma ‘potencialização bloqueada’ ou uma ‘resistência’ ao crescimento”, parece demasiadamente otimista, despertando um certo mal-estar.¹³⁴

Apesar do reconhecimento da limitação e finitude do crescimento, permanece a tendência a contar com um desenvolvimento constante do reino de Deus, entendida como ‘nova integralidade’ (Mateus 6.10). Parece que a confiança no progresso constante, típica do ‘*American way of life*’, assumiu um papel forte na interpretação do cristianismo e da *poimênica* neste modelo. A pergunta central em relação a qualquer concepção holística é se ela realmente leva a sério que a vida é sempre um fragmento, que não é a plenitude da presença de Deus, mas a experiência da ausência de sentido frente à morte, ao sofrimento e à injustiça, a experiência da carência de ser que domina o ser humano e faz com que ele, como ser

¹³⁰ CLINEBELL, Howard J. *Aconselhamento pastoral: modelo centrado em libertação e crescimento*. Tradução de Walter O. Schlupp e Luis Marcos Sander. São Leopoldo: Sinodal, 1987. p. 25.

¹³¹ CLINEBELL, 1987, p. 384.

¹³² CLINEBELL, 1987, p. 25.

¹³³ CLINEBELL, 1987, p. 43.

¹³⁴ SCHNEIDER-HARPPRECHT, 2011, p. 270 e HURDLING, 1995, p. 355.

falante, esteja sempre a caminho, em busca de sentido e de um futuro diferente.¹³⁵

O modelo contextual de uma *poimênica* da libertação, conforme Schneider-Harpprecht, ainda não conta com muitas pesquisas. À primeira vista, trata-se de um aconselhamento mútuo em comunidades eclesiais de base e em movimentos populares, em que “destaca-se o caráter ecumênico de um trabalho solidário de leigos que são atingidos por determinado problema (barragens, sem terra, sem teto e outros)”. O aconselhamento tem um caráter de apoio solidário e é exercido pelas próprias pessoas afetadas ou “por representantes especializados que trabalham com o objetivo de capacitar as vítimas de problemas e injustiças sociais para defender os seus interesses vitais”.¹³⁶

O representante deste modelo é o teólogo luterano Lothar Carlos Hoch. Ele parte da dimensão da encarnação, que leva o aconselhador e a aconselhadora a fazer uma opção pelos pobres e expor-se ao sofrimento do povo.

Este deslocamento para o lugar do pobre submete o aconselhador à experiência de sua impotência para mudar a situação e à crítica de qualquer atitude paternalista de assistência pastoral e ensino. A transformação da situação dos pobres exige entrar no caminho da convivência solidária no contexto da vida das pessoas conforme o exemplo de Jesus. Compartilhando o sofrimento, a *poimênica* deve mudar a sua compreensão de pecado e passar de uma compreensão individualista de pecado, que leva o povo pobre a desvalorizar-se ainda mais, para uma compreensão e denúncia profética do pecado estrutural.¹³⁷

De acordo com Schneider-Harpprecht, a conscientização política, integrada à prática libertadora, é tarefa de todos neste tipo de aconselhamento, e serve para que as pessoas e os grupos populares achem a sua identidade e cresçam em conjunto.

Para as igrejas históricas, no entanto, é difícil integrar o modelo contextual com as necessidades dos membros de classe média e a estrutura das comunidades tradicionais, constituindo, dessa forma, um importante desafio para o trabalho de aconselhamento pastoral no futuro: “superar as barreiras das classes sociais e criar mais comunicação e cooperação entre os integrantes dessas classes”.¹³⁸

¹³⁵ SCHNEIDER-HARPPRECHT, 2011, p. 270.

¹³⁶ SCHNEIDER-HARPPRECHT, 2011, p. 270.

¹³⁷ SCHNEIDER-HARPPRECHT, 2011, p. 271.

¹³⁸ SCHNEIDER-HARPPRECHT, 2011, p. 271.

Neste modelo, fica evidente, também, que a psicologia pastoral evangelical e os modelos de *poimênica* integral e contextual têm muito em comum, especialmente quanto à orientação comunitária.

2.3.4 Pontos comuns e diferenças entre Psicoterapia e Poimênica

Quando nos propomos a falar dos pontos comuns e das diferenças entre Psicoterapia e *Poimênica* (ou Aconselhamento Pastoral), estamos considerando que de ambas as partes existem possibilidades e limites.

Reconhecer os méritos de uma disciplina não significa desprezar as qualidades da outra. Assim como não queremos exaltar excessivamente a psicologia, também não pretendemos elevar o aconselhamento pastoral como a fórmula última para fazer frente aos problemas que afligem as pessoas.¹³⁹

Tanto a Psicoterapia como a *Poimênica/Aconselhamento Pastoral* são tentativas humanas e, por isso mesmo, limitadas para resolver problemas. Sendo assim, atitudes arrogantes e autossuficientes de lado a lado não irão contribuir na tarefa comum de auxiliar aqueles e aquelas que sofrem. Por outro lado, diluir diferenças e deixar de apontar de uma forma clara, crítica e objetiva as limitações, as possibilidades e as características de cada uma dessas disciplinas não é o melhor caminho a ser seguido. “O Evangelho nos impele a distinguir os espíritos. Isto vale tanto em relação à psicologia, como em relação à própria teologia”.¹⁴⁰

Udo Rauchfleisch, psicanalista e professor de Psicologia Clínica na Universidade de Basileia, e autor do livro: *Quem cuida da alma? Controle de fronteiras entre psicoterapia e poimênica*, nos revela, nesta obra, que é importante descrever os aspectos essenciais da *Poimênica* e da Psicoterapia e indicar onde residem os pontos em comum, bem como as diferenças entre elas e, para isso, um exame da bibliografia teológica e psicológica faz-se necessário. Como aponta Rauchfleisch,

para a *poimênica* querigmática e clerical-litúrgica, bem como para uma série de psicoterapeutas, há uma diferença evidente entre as disciplinas. Em termos um tanto sucintos, a *psicoterapia* deve se ocupar com a *cura [Heilung]* e a convalescença, ao passo que a *poimênica* teria a ver com a

¹³⁹ HOCH, 1985, p. 257.

¹⁴⁰ HOCH, 1985, p. 257, 258.

salvação [Heil] e mostraria ao ser humano o caminho para a sua redenção eterna.¹⁴¹

Traçar, desta maneira, a fronteira entre estas duas disciplinas resulta, conforme o autor, em apreciações diferenciadas. Ou a *Poimênica* é vista como uma disciplina que não se preocupa com as necessidades “propriamente ditas” do ser humano, por entender-se superior, enquanto que à Psicoterapia restariam os problemas superficiais, ou seja, em termos de divisão de trabalho ou “territórios”, à Psicoterapia compete o domínio do “terreno” e à *Poimênica* o domínio do “espiritual”. Ou, em uma posição contraposta a essa delimitação, a *Poimênica* seria definida como “psicoterapia no contexto eclesial”. Como consequência desta definição, Rauchfleisch afirma:

Com razão, Neidhart (1972) alega que tal concepção poderia induzir o *poimênico* a imitar o psicoterapeuta e ele começaria, como explica Reiss (1973), a admirar e invejar a aparente onipotência do analista e, ao fazê-lo, passaria a esperar muito pouco da *práxis poimênica* e demais da psicoterapia.¹⁴²

Aceitar esta forma abreviada de dizer que a Psicoterapia tem a ver com a “cura” e a *Poimênica* com a “salvação”, é não compreender que existem pontos em comum e sobreposições entre estas duas disciplinas.

A *práxis poimênica* de muitos pastores e outras pessoas atuantes no serviço da igreja permite reconhecer que, nos seus diálogos de aconselhamento, com frequência não se trata diretamente da proclamação ou da promessa de graça e redenção, mas, de modo muito similar ao que ocorre na consulta psicoterapêutica, da aclaração de conflitos de relacionamento, do processamento de situações de separação, conflitos de papéis sociais e problemas de identidade. Tanto *poimênicos* quanto psicoterapeutas são confrontados do mesmo modo com conflitos de valores, questões de sentido, sentimentos de culpa, angústias biográficas e questões de realização pessoal.¹⁴³

Feitas estas observações a respeito da Psicologia/Psicoterapia e da Teologia/*Poimênica*, surgem alguns questionamentos: será que poderíamos nos beneficiar dos princípios da Psicologia como instrumento de auxílio no Aconselhamento Pastoral, tal como nos beneficiamos da Medicina, uma ciência que

¹⁴¹ RAUCHFLEISCH, Udo. *Quem cuida da alma? Controle de fronteiras entre psicoterapia e poimênica*. São Leopoldo: Sinodal/EST, 2014. p. 24.

¹⁴² RAUCHFLEISCH, 2014, p. 24.

¹⁴³ RAUCHFLEISCH, 2014, p. 24, 25.

também não parte do princípio de que Deus existe?¹⁴⁴ Ou ainda, seria compatível aos membros de uma igreja se beneficiarem, simultaneamente, da Psicoterapia e do Aconselhamento Pastoral, ou somente da Psicoterapia? Como os pastores lidariam com estas possibilidades?

Com o objetivo de responder a estas e outras perguntas que possam surgir, nos propomos no capítulo seguinte a examinar alguns tabus existentes entre a Psicologia/Psicoterapia e o Teologia/Aconselhamento pastoral/*Poimênica* e refletir sobre as possibilidades de aproximação entre estas áreas de conhecimento.

¹⁴⁴ FRIESEN, Albert. *Cuidando do ser: treinamento em aconselhamento pastoral*. Curitiba: Esperança, 2002. p. 28, 29.

3 TABUS NO MEIO CIENTÍFICO E NO AMBIENTE RELIGIOSO E POSSIBILIDADES DE APROXIMAÇÃO

Ainda que, aos poucos, deslumbremos alguma abertura de ambos os lados (pesquisas médicas e psicológicas investigando sobre a religião e a espiritualidade e práticas de aconselhamento pastoral acolhendo saberes da psicologia), vemos que a resistência ainda é muito grande, levando a instalarem-se verdadeiros tabus em alguns ambientes acadêmicos e eclesiais, com repercussões danosas para ambos os lados.

3.1 O tabu religioso na psicoterapia e suas consequências

Como observado até aqui, a percepção da Psicologia no tocante ao religioso tem sido, na maior parte das vezes, de descaso ou de uma pronunciada desaprovação por parte da maioria das escolas de psicoterapia.

3.1.1 Causas

Para Rauchfleisch, o motivo central deste distanciamento reside no fato de que os psicoterapeutas, “como integrantes de uma profissão terapêutica que se reporta a fundamentos psicológicos-experimentais das ciências naturais”, não desejam ser vinculados a modelos filosóficos e de cunho ideológico, pois tal associação representaria “o perigo de um retrocesso para uma imagem pré-científica”.¹⁴⁵ E a vivência religiosa, por exemplo, segundo Utsch, não é acessível cientificamente.¹⁴⁶

¹⁴⁵ RAUCHFLEISCH, 2014, p. 9.

¹⁴⁶ UTSCH, 2013, p. 368.

Esta preocupação da Psicologia em desvencilhar-se de suas origens filosóficas e teológicas, em busca de um *status* como ciência independente, foi crucial para a sua fundação em 1879.¹⁴⁷

Uma outra razão para o tabu religioso na psicoterapia é a similaridade de alguns processos que ocorrem tanto nas instituições religiosas quanto nas escolas psicoterapêuticas, mas que, na maioria das vezes, não são reconhecidos.

Desde o início, as escolas psicoterapêuticas assumiram “o caráter de ‘igrejas’ com os ‘dogmas’ próprios de cada uma, que eram defendidos da forma mais aguerrida possível contra os ‘dogmas’ de outros sistemas terapêuticos”¹⁴⁸ e, também, dentro da mesma escola, como aconteceu com a psicanálise¹⁴⁹. Muitas destas divergências estavam relacionadas a diferenças na teoria e/ou na técnica, mas outras eram e continuam sendo insignificantes. No entanto,

o forte engajamento emocional com que é travada a discussão e a insistência na ‘correção’ da própria doutrina têm, às vezes, uma assustadora semelhança com guerras religiosas travadas no passado e no presente entre as diferentes religiões (sobretudo as monoteístas).¹⁵⁰

Outra característica comum nos círculos eclesiais e nos ambientes psicoterapêuticos é o papel preponderante desempenhado pelas questões de poder. Pertencer a um grupo que se considera o único detentor da *verdade* “infla enormemente a autoestima e proporciona aos seus membros a sensação de segurança e clareza num mundo perturbador devido à sua heterogeneidade”.¹⁵¹ Tais dinanismos estão fortemente presentes nestes ambientes e, como psicanalista que

¹⁴⁷ Talvez por este motivo muitos psicoterapeutas, especialmente psicanalistas, tenham dificuldade em defender sua fé cristã publicamente. Quinodoz fala a respeito: “[...] a despeito do fato de a Associação Psicanalítica Internacional ter dado liberdade aos seus membros quanto à questão religiosa, difundiu-se amplamente a ideia de que todos os psicanalistas eram ateus, como Freud. Temos de reconhecer que se essa ideia faz parte dos inúmeros preconceitos que correm a respeito dos psicanalistas, estes últimos não se preocuparam muito em contestar essa opinião. [...] de fato, pouquíssimos psicanalistas ousaram afirmar publicamente que sua fé cristã era compatível com as descobertas freudianas e que podiam discordar de Freud quanto a esse ponto”. (QUINODOZ, Jean-Michel. *Ler Freud: Guia de Leitura da Obra de S. Freud*. Tradução de Fátima Murad. Porto Alegre: Artmed, 2007. p. 254). O autor cita alguns nomes como: G. Zilboorg, psicanalista católico, nos Estados Unidos, Oskar Pfister, psicanalista protestante, na Suíça, Maryse Choisy e Françoise Dolto, na França. Hoje em dia, certamente, existem outros tantos.

¹⁴⁸ RAUCHFLEISCH, 2014, p. 10.

¹⁴⁹ Ao longo do desenvolvimento da psicanálise, houve uma série de discordâncias e consequentes rompimentos entre Freud e alguns de seus seguidores. Muitos deles, em razão disso, formaram novas escolas, como: Carl Jung, Alfred Adler, Wilhelm Reich, entre outros.

¹⁵⁰ RAUCHFLEISCH, 2014, p. 11.

¹⁵¹ RAUCHFLEISCH, 2014, p. 11.

é, Udo Rauchfleisch faz uma crítica e uma interpretação¹⁵² sobre esta postura das escolas psicoterapêuticas.

Justamente no fato de as escolas psicoterapêuticas refletirem tão pouco sobre esses processos e não os reconhecerem como tais, mas subterraneamente sentirem sua presença, reside, a meu ver, no plano consciente uma necessidade tão grande por parte da psicoterapia de se distanciar das igrejas religiosas. A semelhança, que – com razão – se percebe como constrangedora, é negada ou ao menos consideravelmente abrandada mediante a instituição do tabu religioso na psicoterapia. Porém, segundo o princípio do ‘retorno do recalçado’ (Freud, 1915), não se trata de um ato singular de defesa, mas de uma luta permanente, uma tentativa quase desesperada de apagar, mediante o distanciamento, a percepção do espelhamento nos dogmas e nas estruturas religiosas. Isso, contudo, é um empreendimento sem perspectiva de êxito, porque o conflito presente na própria pessoa ou no próprio grupo jamais poderá ser resolvido mediante o combate à outra pessoa ou ao outro grupo (nesse caso: mediante a instituição do tabu religioso na psicoterapia).¹⁵³

Jorge A. León, pastor e psicoterapeuta, também analisa o quanto pode ser prejudicial quando as escolas psicológicas defendem arbitrariamente suas ideias, ao invés de integrá-las em favor daqueles que sofrem.

Devemos ter cuidado com o **leito de Procusto**, do **fundamentalismo de escola**. Há valores em cada uma das escolas [...] Durante mais de trinta anos percorri quase todas as escolas psicológicas procurando o melhor de cada uma. Recentemente, entre 1984 e 1992, estudei com profundidade e com interesse crítico a Escola Francesa de Psicanálise, em particular Jacques Lacan. Cheguei a fazer parte do Conselho Diretivo de uma Instituição Psicanalítica Lacaniana. Quando me dei conta do quão prejudicial é o fundamentalismo de escola, pedi demissão como membro do Conselho e abandonei a Instituição.¹⁵⁴

A dificuldade das psicoterapias em se darem conta destes mecanismos, à semelhança das instituições religiosas, é extremamente nociva, porque, ainda que possa passar despercebido, ela repercute também naqueles e naquelas que se encontram sob o cuidado destas instâncias.

¹⁵² “Interpretação designa qualquer intervenção psicanalítica que vise a fazer um sujeito compreender a significação inconsciente de seus atos ou de seu discurso, quer estes se manifestem através de um dito, um lapso, um sonho, um ato falho, de uma resistência, transferência, etc.” (ROUDINESCO, Elisabeth; PLON, Michel. *Dicionário de Psicanálise*. Tradução de Vera Ribeiro e Lucy Magalhães. Supervisão da edição brasileira Marco Antonio Coutinho Jorge. Rio de Janeiro: Zahar, 1998. p. 388).

¹⁵³ RAUCHFLEISCH, 2014, p. 11, 12.

¹⁵⁴ LEÓN, 1996, p. 23. *Procusto* é uma figura da mitologia grega que convidava as pessoas que se albergavam em sua casa para dormir numa cama que tinha seu exato tamanho. Se a pessoa fosse baixa, ele às esticava. Se fosse mais alta que a cama, ele às cortava. A armadilha de *Procusto* estava em ter duas camas com tamanhos diferentes, de modo que ninguém conseguiria não ser cortado ou esticado.

3.1.2 Consequências

Por mais compreensível que seja a delimitação entre a psicoterapia e os grupos ideológico-eclesiais, quando as(os) psicoterapeutas ignoram ou desprezam todo um âmbito de vida e vivência ao lidar no tratamento de um modo reducionista com os temas religiosos, questão central para muitas pessoas, o respeito e a aceitação incondicional pela(o) paciente, condições estimadas na psicoterapia, são profundamente abalados, levando muitas(os) pacientes a abandonarem seus tratamentos por não se sentirem totalmente compreendidos.

Esta postura “antirreligiosa” também está presente na grande maioria dos cursos de formação, onde o tema da religiosidade nem sequer é mencionado, tampouco tem espaço nas supervisões (momento em que as(os) estudantes ou profissionais já formados, individualmente ou em grupo, relatam as sessões/atendimentos com suas pacientes e seus pacientes para uma discussão em conjunto). Para Rauchfleisch, a falta de uma discussão séria, de conotação positiva, das práticas e dos conteúdos da fé religiosa na literatura psicoterápica inibe, por vezes, alunos e alunas em formação de levarem para a discussão dos casos informações de cunho religioso relatadas por seus pacientes e suas pacientes, além de os(as) “impedir” de refletirem em seus próprios tratamentos pessoais¹⁵⁵ a respeito do assunto por temerem comentários negativos,

isto é, reducionistas, que não levam a sério a dimensão religiosa da vivência, comentários que, nesse caso, não respeitam a realidade não só dos pacientes, mas também a dos terapeutas (que estão propriamente abertos para as questões religiosas). Desse modo, apesar do interesse talvez fundamental dos candidatos em formação por questões religiosas, muitas vezes impera o silêncio sobre esses temas, o que leva o tabu religioso a assumir uma dimensão ainda maior.¹⁵⁶

Por outro lado, como afirma Rauchfleisch, quando as(os) profissionais da psicologia ou da psiquiatria adotam uma postura aberta em relação ao aspecto religioso dos pacientes e das pacientes, levando a sério essa temática e atribuindo-

¹⁵⁵ É recomendado aos profissionais e às profissionais, psicólogas(os) e psiquiatras, que busquem tratamento psicoterápico para si, para que melhor atendam seus pacientes/clientes e suas pacientes/clientes.

¹⁵⁶ RAUCHFLEISCH, 2014, p. 12.

lhe uma valor próprio, as(os) pacientes podem tocar nestes assuntos sem receio, serem capazes de tratar as questões religiosas num plano mais maduro.¹⁵⁷

3.2 O tabu psicoterapêutico em círculos religiosos

Primeiramente, faz-se necessário esclarecer que não é em todos os círculos religiosos, como já foi observado, que a Psicologia e a psicoterapia são rejeitadas. Por outro lado, não são poucos os cristãos e as cristãs que veem no Aconselhamento Pastoral que se utiliza de princípios da psicologia ou de suas técnicas uma superficialização de seus verdadeiros propósitos, ou até um desvio de seus propósitos. Entre estes(as), muitas vezes denominados(as) como “tradicionalistas” ou “fundamentalistas”, existe uma declarada oposição e hostilidade frente aos modelos psicológicos, a ponto de se instituir um verdadeiro tabu psicoterápico.

3.2.1 Causas

Entre as causas para o rechaço diante das abordagens psicoterápicas nestes grupos, encontra-se o sentimento de que a Psicologia, juntamente com as suas “filhas” (as diferentes abordagens), se apropriou da função que, originalmente, pertencia à Igreja ou aos *poimênicos*, além de excluir, em grande parte, a dimensão religiosa. Por essa razão, nestes grupos “eles se sentem especialmente conclamados a contrapor suas abordagens *poimênicas* de orientação religiosa aos métodos psicoterapêuticos ‘não cristãos’”.¹⁵⁸

Algumas e alguns representantes extremos dessa corrente, como Jay Adams, cujo pensamento já foi brevemente mencionado, veem nos modelos psicológicos e em seus métodos psicoterapêuticos a origem da decadência moral e espiritual destes tempos modernos. Em um de seus ataques ferozes à psicanálise, ele conclui:

A psicanálise freudiana é uma expedição arqueológica ao passado, onde se procura algo a que se possa empurrar a culpa pelo comportamento do

¹⁵⁷ RAUCHFLEISCH, 2014, p. 18.

¹⁵⁸ RAUCHFLEISCH, 2014, p. 19.

paciente. Um dos objetivos principais é descobrir como outros foram injustos com ele. [...] Toda a responsabilidade humana foi solapada.¹⁵⁹

Essa ideia de que a Psicologia possui uma postura hedonista e declara “culpadas” outras pessoas, especialmente o pai e a mãe, para livrar-se de toda e qualquer responsabilidade, revela-se um outro motivo para os(as) representantes de tais grupos fundamentalistas se oporem fortemente a tudo que provém desta ciência, uma vez que eles entendem que a única instância confiável e válida “é a mensagem bíblica – entendida literalmente no sentido de inspiração verbal – , que é entendida como missão divina inquestionável e que não pode ser relativizada historicamente”.¹⁶⁰

Jay Adams argumenta que os psiquiatras (e, presumivelmente, os psicanalistas) usurparam o trabalho dos pregadores e estão envolvidos na perigosa tarefa de tentar mudar o comportamento e os valores das pessoas de uma forma que Deus não aprova. Escrevendo a pastores, Adams sustenta que “estudando a Palavra de Deus minuciosamente e procurando observar de que modo os princípios bíblicos descrevem as pessoas sob aconselhamento [...] você irá obter todas as informações e a experiência necessárias para ser um conselheiro cristão competente e confiante, sem precisar estudar psicologia”.¹⁶¹

Uma terceira causa para o tabu psicoterapêutico no contexto religioso, conforme Rauchfleisch, é a discrepância entre as imagens tradicionais de mundo e de ser humano defendidas pelos grupos fundamentalistas e os conhecimentos científicos que estão na base da psicoterapia, que enfatizam a variedade da vivência humana e das formas de relacionamento social.

Os grupos fundamentalistas contrapõem a essa heterogeneidade, que provoca confusão, angústia e insegurança, as suas concepções unidimensionais, que se reportam ao teor literal da Bíblia ou à tradição do Direito Canônico e, por essa razão, compreensivelmente se sentem ameaçados pelos modernos modelos psicológicos...¹⁶²

Quanto mais estreita e unilateral for a visão religiosa de mundo e ser humano sustentada pelos adeptos dessas convicções, tanto mais ameaçadora tende a ser a visão da psicologia sobre o tema. Para Rauchfleisch, perceber e levar a sério estas diferenças poderia “levar a um questionamento crítico das convicções fundamentalistas tradicionais.” Porém, quando não existe um interesse nessa

¹⁵⁹ RAUCHFLEISCH, 2014, p. 20.

¹⁶⁰ RAUCHFLEISCH, 2014, p. 20.

¹⁶¹ COLLINS, 2004, p. 23, 24.

¹⁶² RAUCHFLEISCH, 2014, p. 21.

discussão e aproximação, “o tabu psicoterápico oferece uma proteção eficaz contra a insegurança sentida pelos representantes de tais concepções diante do mundo moderno”.¹⁶³

3.2.2 Consequências

Dentre as consequências resultantes desta atitude hostil à Psicologia ou por tudo o que a representa, gostaríamos de destacar duas que estão diretamente ligadas aos questionamentos deste trabalho. A primeira delas é o entendimento que estes grupos mais fundamentalistas têm das enfermidades psíquicas. Para eles, tais enfermidades “não são vistas como disfunções ou malformações somáticas e psíquicas, mas etiquetadas como expressão e consequência de um comportamento pecaminoso”.¹⁶⁴ Jay Adams, já mencionado aqui,

parte de um reducionismo moralista (semelhante ao de O. Hobart Mowrer e aparentemente aprendido dele) que reduz a causa de todos os problemas psicológicos ao pecado e a um modo de vida irresponsável. Compreensões psicológicas da situação humana e métodos psicoterápicos são rejeitados como “humanísticos” e “não-bíblicos”.¹⁶⁵

Tomemos como exemplo a depressão, enfermidade que, segundo dados da OMS, teve um aumento no número de casos em mais de 18% entre 2005 e 2015, resultando em mais de 300 milhões de pessoas afetadas pela doença no mundo. E, no Brasil, atinge cerca de 5,8% da população, um total de 11,5 milhões de casos registrados.¹⁶⁶ Rauchfleisch afirma que a depressão é uma das enfermidades psíquicas que demonstram grande afinidade com temas religiosos. Pessoas depressivas, segundo o autor, costumam processar de modo correspondente os conteúdos de sua doença.

Com frequência elas estão abertas para temas religiosos e também na sua vida de fé orientam-se em elevados ideais, colocam-se para si mesmas – e em parte também para seus semelhantes – altas exigências e com frequência se debatem em consideráveis sentimentos de culpa. Em fases agudas da doença, desenvolvem autoimagens negativas e sentimentos de culpa, levando a que essas pessoas se sintam totalmente insuficientes

¹⁶³ RAUCHFLEISCH, 2014, p. 21.

¹⁶⁴ RAUCHFLEISCH, 2014, p. 22.

¹⁶⁵ CLINEBELL, 1987, p.122.

¹⁶⁶ LABOISSIÈRE, Paula. Brasil tem maior número de casos de depressão na América Latina. *Agência Brasil*, 23 fev. 2017. Disponível em: <<http://agenciabrasil.ebc.com.br/geral/noticia/2017-02/depressao-brasil-tem-maior-prevalencia-de-casos-na-america-latina>>. Acesso em: 08 ago. 2017.

também no aspecto religioso. Elas pensam ter cometido os pecados mais graves possíveis e, por conseguinte, não seriam dignas do amor divino e não deveriam esperar o perdão.¹⁶⁷

Portanto, o quão nefasto pode representar para tais pessoas um ambiente eclesial que reforça estes sentimentos, mediante exigências rigorosas e afirmações como: “você precisa orar mais”, “tudo isto está acontecendo porque você deve estar em pecado” ou ainda, “está faltando fé e leitura da Bíblia”.

Os sentimentos de culpa induzidos dessa forma aumentam o sofrimento dessas pessoas e as afundam cada vez mais no desespero e na falta de perspectiva. Justamente as pessoas religiosas depressivas, com muitos escrúpulos e que com frequência enchem a si próprias de recriminações, sofrem, em fases difíceis de alguma enfermidade, de modo especial por pensar que teriam perdido por completo a fé que lhes era tão cara nos dias em que se encontravam com saúde e que lhes dava a sensação de estarem sendo carregadas pela vida. Elas se sentem privadas de sentido, cortadas de todas as relações com seus semelhantes e também da relação entre Deus e ser humano e ficam atormentadas com a impressão de insensibilidade e a noção de terem se tornado culpadas diante de Deus e das demais pessoas. A perda da fé religiosa não é a causa da depressão, mas sua consequência, constituindo, no caso das pessoas religiosas, um sintoma central de seu adoecimento. Acusar uma pessoa assim de não estar suficientemente firme na fé não só é atestado de incompetência profissional, mas também é aético e cruel, porque tal acusação a atinge em seu ponto mais vulnerável, a saber, em seus sentimentos de culpa, que de qualquer modo já a estão atormentando terrivelmente e que, em tempos de desespero extremo, podem leva-la até mesmo à morte.¹⁶⁸

Refletindo sobre a questão do suicídio no ambiente eclesial, Kühnrich, psicóloga e psicoterapeuta que tem uma longa experiência no atendimento de pastores e pastoras, observa que “existe uma postura doentia disfarçada de espiritualidade que adocece pastores, comunidades e igrejas”.¹⁶⁹

A autora observa também que não se dá o devido valor ao corpo ou aos aspectos emocionais em alguns seminários teológicos, como se esta dimensão do ser humano não fosse relevante no preparo dos futuros pastores.

Ou seja, todo o ensino é voltado para o ‘espiritual’, numa evidente dicotomia. Esta visão esquizofrênica sustentada por uma teologia triunfalista acaba por adoecer, uma vez que as pessoas se ausentam da própria vida, passando a atuar como ‘personas’ pastorais.¹⁷⁰

¹⁶⁷ RAUCHFLEISCH, 2014, p. 82.

¹⁶⁸ RAUCHFLEISCH, 2014, p. 54, 55.

¹⁶⁹ KÜHNRIK, Roseli M. *A sedução da morte - A potencial ameaça de suicídio entre pastores e pastoras*. Gramado: Eirene do Brasil, (no prelo).

¹⁷⁰ KÜHNRIK, (no prelo).

Sendo assim, pastores e pastoras ainda são vistos em algumas comunidades como aquele pastor sacerdotal do Antigo Testamento. Não se construiu, segundo Kühnrich, “uma visão equilibrada do pastor neotestamentário, que é um ‘sarador ferido’ como Paulo ou Pedro”.¹⁷¹

[...] na medida em que a constituição psíquica faz parte do ser pessoa, não há como excluir a psicologia da *poimênica*. Quem exclui a psicologia, exclui a psique e quem exclui a psique, está excluindo uma parcela marcante do próprio ser. Como podemos deixar de considerar as dimensões psicológicas em nosso envolvimento *poimênico* com pessoas, se são justamente fatores psicológicos que frequentemente estão na raiz de múltiplas formas de sofrimento humano?¹⁷²

Frequentemente ouvida, também em ambientes eclesiais, é a afirmação de que “os crentes não têm problemas”. Tal declaração tem causado muita dúvida e culpa e, por vezes, a “perda da fé” entre alguns fiéis quando eles percebem, por exemplo, que já oraram muito, fizeram vários propósitos diante de Deus, confessaram a Ele suas falhas e, ainda assim, sofrem de ira incontrolável, reprimem sua amargura e não sabem o que fazer com seus sentimentos de ódio, além de experimentarem angústia, ansiedade, medo etc.¹⁷³

Há uma tradição, encarnada por Jay Adams, que vê no conflito psicológico uma consequência de uma conduta pecaminosa. Esta postura propõe resolver a causa espiritual para modificar o conflito. Com características semelhantes, em alguns setores cristãos denominados fundamentalistas, pietistas ou conservadores, o transtorno psicológico é visto como uma afronta que denota uma falta ou pecado. Nesses setores, é comum a expressão: “Se você crê em Deus, não pode sofrer dos nervos”. Outros grupos, tais como pentecostais ou carismáticos, com frequência interpretam a enfermidade como uma possessão demoníaca. Eles tentam resolver a enfermidade mediante um conjunto de cerimônias nas quais se inclui o exorcismo.¹⁷⁴

Uma outra consequência do tabu psicoterapêutico no ambiente religioso, e que está ligada à anterior, é que, não havendo abertura nestes grupos para os conhecimentos da Psicologia, não haverá, conseqüentemente, encaminhamentos para estes profissionais, (falaremos mais adiante sobre encaminhamentos), o que pode acarretar em um enorme prejuízo para os fiéis que necessitam destes cuidados.

¹⁷¹ KÜHNRIK, (no prelo).

¹⁷² HOCH, 1985, p. 257, 258.

¹⁷³ FRIESEN, 2002, p. 33.

¹⁷⁴ HERNANDEZ, Carlos. *O lugar do sagrado na terapia*. Tradução de Therezinha F. Privatti. São Paulo: CPPC, 1986. p. 24.

Há tantos cristãos que gostariam de perdoar verdadeiramente, mas não conseguem esquecer suas mágoas. Assim sofrem de constante tensão emocional e muscular. Portanto, sofrem de psicossomatizações como a insônia, úlcera gástrica, hipertensão ou outras. Com grande frequência não é possível se libertarem sozinhos. Precisam de ajuda. Precisam de aconselhamento pastoral ou até um auxílio profissional, seja médico, psiquiátrico, medicamentoso e/ou psicoterápico.¹⁷⁵

Fica evidente, diante destes tabus de um lado e de outro, que há prejuízos significativos para todos, especialmente, para aqueles e aquelas que precisam de ajuda, para essa “igreja” que não é incentivada a buscar ajuda psicoterápica ou que não pode falar abertamente de sua crença em seu tratamento psicoterápico.

Infelizmente alguns pastores assumem uma postura onipotente e arbitrária que pode colocar em perigo a saúde mental dos cristãos necessitados de assistência profissional. Sempre me impressionou a sentença de Sócrates: “O ser humano não deve ignorar sua ignorância”. Quanto mais um pastor ignorar sua ignorância, mais obstinado e onipotente se tornará e mais danos ocasionará a pessoas inocentes que nele tenham confiado. Por isso, quanto mais estudamos os grandes mistérios de Deus e do ser humano, mais nos aproximamos do dizer de Sócrates: “Só sei que nada sei”. Quem fizer sua esta verdade é um verdadeiro sábio.¹⁷⁶

Um conhecimento parcial e distorcido a respeito de um outro saber é o que fundamenta, na maioria dos casos, esse desprezo e rejeição. Conforme Hurding, há uma grande carência, no meio religioso, de pessoas com convicções cristãs que examinem as metodologias existentes de uma forma aprofundada e com discernimento.¹⁷⁷

3.3 O que a psicologia/psicoterapia pode oferecer à teologia/poimênica?

Não se trata de impor os “serviços” da psicologia e da psiquiatria aos círculos eclesiais, como afirma Rauchfleisch, uma vez que a psicologia não dispõe de soluções para todos os problemas, mas de aceitar e compreender que muitas questões importantes para as instituições eclesiais e para as pessoas nela inseridas precisam ser entendidas e tratadas levando-se em conta toda uma dimensão psicológica, e não somente o universo religioso.

Este autor entende o auxílio que a psicologia/psicoterapia pode oferecer às igrejas da seguinte forma:

¹⁷⁵ RAUCHFLEISCH, 2014, p. 33, 34.

¹⁷⁶ LEÓN, 1996, p.19.

¹⁷⁷ HURDING, 1995, p. 17.

[...] enquanto representantes da psicologia e psicoterapia, [...] podemos *informa-las sobre nossos conhecimentos modernos na área das ciências humanas* e, desse modo, municia-las com possibilidades de interpretar e transmitir a mensagem bíblica de um modo que faça jus à nossa época e às pessoas de hoje, de entender e assim ser capaz de melhorar a solução de conflitos nas comunidades e em grêmios eclesiais, de adquirir o *know-how* psicológico para aconselhamentos e acompanhamentos *poimênicos* e, desse modo, realizar um trabalho mais eficiente, bem como de adquirir concepções com as quais as estruturas eclesiais podem ser examinadas e questionadas criticamente quanto à dinâmica nelas atuante visando tornar a igreja (novamente) um lugar de encontro sem preconceitos e do tratamento mútuo amoroso e aproximar o evangelho das pessoas de hoje de tal modo que possam aceita-lo em toda a sua plenitude.¹⁷⁸

Ou seja, existem muitas possibilidades quando consideramos o aproveitamento das teorias e técnicas psicoterápicas no contexto eclesial. Neste trabalho, mencionaremos três contribuições da psicologia/psicoterapia à *poimênica*.

3.3.1 Aporte técnico e teórico

Embora a Psicologia seja uma ciência jovem comparada com outras ciências, ela já produziu uma quantidade razoável de conhecimento e ainda segue produzindo. Muito deste saber já está tão incorporado em nossa vida e faz parte do nosso vocabulário, que nem sequer paramos para pensar de onde veio tal conhecimento. Conceitos como autoestima, inconsciente, ego, *insight*, projeção e tantos outros, são utilizados, inclusive, por aqueles que se declaram contrários à Psicologia.

O. Riecker formula a questão de modo persuasivo: a falta de conhecimento profissional e técnico do conselheiro pastoral não é compensada pela fé. O Aconselhamento Pastoral será profícuo e enriquecido quando conjugamos ambos, o conhecimento aprofundado da dinâmica psíquica humana com as verdades da Palavra de Deus a respeito da vida do cristão e da fé.¹⁷⁹

Recursos psicológicos podem contribuir para a compreensão da personalidade e do desenvolvimento humano, além de fornecer *insights* sobre o processo e o relacionamento terapêutico e pastoral.¹⁸⁰

Não se trata de transformar os conselheiros eclesiais em “psicoterapeutas amadores”, como salienta Rauchfleisch,

¹⁷⁸ RAUCHFLEISCH, 2014, p. 56.

¹⁷⁹ RIECKER, 1935 apud FRIESEN, 2000, p. 32. Cf. RAUCHFLEISCH, 2014, p. 29.

¹⁸⁰ SCHIPANI, Daniel S. *O caminho da sabedoria no Aconselhamento Pastoral*. Tradução de Paul Tornquist. São Leopoldo: Sinodal, 2003. p. 9.

mas de informá-los sobre os aspectos básicos da psicologia geral e da psicologia do desenvolvimento, da psicopatologia e da dinâmica de grupos, e muni-los do equipamento que os capacita a levar em consideração também a dimensão psicológica em seu trabalho diário e a decidir quando devem recorrer ao auxílio de especialistas psicológicos e psicoterapêuticos e/ou lhes encaminhar a pessoa que busca conselho.¹⁸¹

Algumas formas de entrar em contato com estas informações seriam, por exemplo, incluir algumas disciplinas de psicologia nos cursos de formação eclesiástica, buscar literatura especializada e, quando possível, (se for aberto ao público em geral) participar de eventos em que especialistas, psicólogos ou psiquiatras, abordem temas pertinentes ao cuidado pastoral.

Um encontro direto com a efervescência de novas descobertas na psicoterapia atual pode alargar os horizontes de aconselhamento das pastoras, aprofundar seu método geral de *poimênica* e estimular seu interesse por leitura, estudo e treinamento adicionais.¹⁸²

Uma outra contribuição que a psicologia/psicoterapia pode dar ao aconselhamento pastoral é a recomendação que é dada aos estudantes e às estudantes daquela área. A eles e elas é recomendado que façam supervisão, busquem tratamento para si e continuem estudando. A supervisão, que já foi abordada brevemente aqui, é necessária porque traz, para o caso que está sendo supervisionado, o olhar de um outro profissional, normalmente mais experiente, o que contribui para a formação daquele profissional que solicita a supervisão, porque, além de ajudar com a teoria e a técnica, o supervisor ajuda o supervisionando a perceber as situações em que questões pessoais deste podem estar interferindo no caso que está sendo supervisionado. E o tratamento pessoal é imprescindível porque, entre outros motivos, o psicólogo ou psiquiatra precisa cuidar também de sua saúde emocional, além de vivenciar a experiência de também ser paciente. Além do contínuo aperfeiçoamento e atualização.

É preciso colocar à disposição de todos os colaboradores de serviços eclesiais incumbidos de aconselhamentos e acompanhamentos ofertas de supervisão. Isso é necessário, por um lado, para garantir a qualidade e a eficiência do seu trabalho e, desse modo, realmente colocar-se à altura da pessoa que busca conselho. Por outro lado, porém, as supervisões servem à proteção do profissional contra os riscos do *burnout* [esgotamento] e são

¹⁸¹ RAUCHFLEISCH, 2014, p. 132.

¹⁸² CLINEBELL, 1987, p. 19, 20.

um auxílio eficaz para não se enredar com os cliente numa trama funesta para os envolvidos.¹⁸³

Rauchfleisch também fala da importância da “auto-experiência” – expressão que ele usa para referir-se ao tratamento pessoal.

Como fazem os psicoterapeutas, também as pessoas que trabalham em aconselhamento e acompanhamento nas instituições eclesiais deveriam passar, ao menos em parte, por uma auto-experiência. Certamente ninguém pode ser obrigado a isso. Contudo, a auto-experiência individual ou grupal poderia ser declarada como elemento integrante da formação para a atividade *poimênica*.¹⁸⁴

Quando os *poimênicos* buscam também um cuidado para si, através da supervisão e do tratamento pessoal, e procuram estar informados dos conhecimentos da psicologia que podem auxiliá-los em seus ministérios, o encaminhamento de seus aconselhados e de suas aconselhadas para psicólogos ou psiquiatras, por exemplo, torna-se mais tranquilo.

3.3.2 Encaminhamentos

Harold Ellens afirma que pastores e conselheiros pastorais, que têm uma preocupação genuína com os membros de suas igrejas, percebem quando é necessário encaminhá-los para tratamento psicoterápico.

O primeiro princípio de cuidado pastoral genuíno é saber quando encaminhar uma pessoa. Isto requer a capacidade de discernir se a pessoa está lutando contra um sentimento ou perturbação dentro dos limites da “normalidade” ou se esta perturbação é patológica. Além do mais, requer o reconhecimento da relação existente entre as reivindicações e o poder da fé, por um lado, e, por outro lado, a arte psicoterapêutica. Esta relação entre fé e prática nas profissões de apoio será provavelmente desvalorizada ou mal concebida, a menos que parta de uma genuína apreciação da relação entre as ciências de teologia e psicologia. Quando os pastores enfrentam a psicopatologia ao invés de uma confusão espiritual ou imaturidade, devem encaminhar seu paroquiano ao especialista apropriado. Caso contrário, estarão obstruindo a oportunidade que Deus tem de curar o paciente.¹⁸⁵

O encaminhamento, para este autor, torna-se algo espontâneo para os conselheiros e as conselheiras, na medida em que eles e elas também percebem as suas próprias dificuldades e, por isso, se identificam as pessoas que procuram por aconselhamento.

¹⁸³ RAUCHFLEISCH, 2014, p. 133.

¹⁸⁴ RAUCHFLEISCH, 2014, p. 135.

¹⁸⁵ ELLENS, J. Harold. *Graça de Deus e Saúde Humana*. São Leopoldo: Sinodal, 1982. p. 53.

Além do mais, o pastor pode se sentir bem quanto ao encaminhamento, na medida em que tenha conseguido aceitar suas próprias patologias e limitações humanas. Bons pastores reconhecem que são 'saradores feridos', nos quais os paroquianos podem discernir a humildade curadora que pode mobilizar a vontade do paroquiano de se tornar paciente, a fim de alcançar crescimento e desenvolvimento libertador.¹⁸⁶

Para Clinebell, um encaminhamento bem realizado é uma demonstração de cuidado que pode trazer alívio e conforto para o aconselhando ou aconselhanda e o seu entorno familiar. Tal ação de forma alguma revela falta de preparo do conselheiro ou da conselheira, pelo contrário, demonstra o reconhecimento de suas limitações.

Um encaminhamento sábio é um dos mais significativos serviços que um pastor pode prestar a um paroquiano em sofrimento. Uma família que, em meio a um problema traumático, é guiada por seu pastor para uma ajuda efetiva, geralmente lhe é eternamente grata. Infelizmente, alguns pastores têm a sensação de que encaminhar uma pessoa significa admitir incompetência ou fracasso. O encaminhamento usa o princípio da divisão de trabalho, que constitui a base da cooperação interprofissional. Somente recorrendo às habilidades especializadas de assistência de outros é que pastores têm o tempo e a energia para cumprir sua singular função *pastoral* como capacitadores de crescimento *espiritual* para toda uma congregação.¹⁸⁷

Tal posição é igualmente defendida por Collins,

Encaminhamento não significa, necessariamente, que o conselheiro original seja incompetente ou esteja se livrando do aconselhando. Ninguém tem capacidade de aconselhar todo mundo e o encaminhamento é um modo de demonstrar nosso desejo de que o aconselhando tenha a melhor ajuda possível.¹⁸⁸

E, para Rauchfleisch, além de poder encaminhar seus aconselhados e aconselhadas para os profissionais adequados, os conselheiros e conselheiras, devido a sua aceitação e livre circulação pelos vários ambientes, podem desmistificar os tratamentos oferecidos por psicólogos e psiquiatras.

Em contraposição aos psicoterapeutas, os *poimênicos* podem, em virtude do seu tipo de atividade – seja na comunidade ou numa instituição especial como hospital, penitenciária etc. – entrar em contato com clientes que necessitam de ajuda profissional para solucionar os problemas de sua vida, mas que por si só jamais procurariam um psicoterapeuta para isso. Elas podem visitar clientes por sua própria iniciativa e, ao fazê-lo, gozam da vantagem de que as pessoas que buscam seu conselho não se sentem discriminadas pelo contato com o pastor ou então o *poimênico* do jeito como

¹⁸⁶ ELLENS, 1982, p. 57.

¹⁸⁷ CLINEBELL, 1987, p. 301.

¹⁸⁸ COLLINS, 2004, p. 82.

– infelizmente – isso acontece ainda hoje com muitas pessoas que recorrem a um psicoterapeuta e vivenciam isso como admissão da sua própria incapacidade. Em tal situação, pode caber ao *poimênico* também a importante tarefa de aclarar se e, em caso afirmativo, quando uma psicoterapia mais intensiva se faz necessária. Além disso, no caso de uma relutância do cliente ao tratamento, o *poimênico* pode falar com o cliente sobre os motivos que estão por trás de rejeição, bem como desmontar eventuais preconceitos e angústias, realizando, assim, um valioso trabalho motivacional.¹⁸⁹

Esta exposição deixa claro que um trabalho interdisciplinar se faz necessário, porque, quando isso acontece, o encaminhamento acontecerá naturalmente.

3.3.3 Critérios psicológicos para desenvolver uma fé “saudável”

A “saúde” psíquica das práticas de fé não é um assunto que costuma ser tratado nos ambientes eclesiais, talvez porque exija das instituições uma autocrítica que nem sempre é bem-vinda.

Utsch afirma que “auxílios psicológicos podem estimular o desenvolvimento da fé em direção a uma apropriação de uma fé pessoal e de um aprofundamento da fé”.¹⁹⁰ O conhecimento que a psicologia pode oferecer no que diz respeito ao teste da realidade, por exemplo, pode auxiliar os cristãos a diferenciarem entre convicções religiosas autênticas, daquelas induzidas em virtude da intensa carga emocional muitas vezes envolvida.

Nesse tipo de experiência, a psicologia pode contribuir para um teste de realidade, quando ela examina como a confiança espiritual-religiosa se traduz na vida cotidiana concreta. Através do autoconhecimento psicológico, a força e a fraqueza do caráter vêm à tona e, a partir delas, podem ser introduzidos passos objetivos para desencadear uma mudança. Além disso, um autoconhecimento maior ajuda na tarefa de encontrar um estilo de fé e de oração adequado à própria personalidade e, assim também, contribuir para um aprofundamento da *práxis* da própria piedade.¹⁹¹

Para Rauchfleisch, pessoas “psiquicamente saudáveis” tendem a vivenciar uma fé igualmente “saudável”. Ou seja, o autoconhecimento, que leva a um amadurecimento psíquico, repercute por todas as áreas da vida de uma pessoa.

¹⁸⁹ RAUCHFLEISCH, 2014, p.26, 27.

¹⁹⁰ UTSCH, 2013, p. 376.

¹⁹¹ UTSCH, 2013, p. 376.

Para isso, no entanto, é preciso que o seguinte pressuposto esteja dado: a pessoa em questão deve, no mínimo, estar tão livre de conflitos neuróticos individuais que lhe seja possível promover uma integração fecunda de conteúdos religiosos. Uma personalidade que consome grande parte de suas energias psíquicas na luta improdutivo de estruturas rígidas de defesa e que só é capaz de perceber o mundo de modo distorcido e fragmentado de acordo com sua estrutura neurótica apresenta lacunas emocionais e déficits de experiência tanto no âmbito religioso como em todos os demais âmbitos da vida.¹⁹²

Utsch afirma que Psicologia e Teologia podem, então, se complementar, porque ambas perseguem, por caminhos diferentes, “o objetivo de tornar possível um ser humano integral, na distinção em relação a Deus”.¹⁹³ Dessa forma, a Psicologia fornece o conhecimento a respeito do significado das emoções, da memória, da força das fantasias e da qualidade das relações, enquanto que a Teologia colabora com o conhecimento e experiência em relação à realidade do Deus triúno.

Ainda, quanto ao papel da Teologia, Hoch acrescenta:

Nesse sentido, a teologia, como reflexão crítica e racional sobre a fé, tem uma importante função corretiva em relação a formas de vivência excessivamente emotivas da fé cristã. Algumas manifestações de religiosidade que se vem observando mais recentemente aqui no Brasil, a meu ver, são antes manifestações de emotividade descontrolada e, não raro, de histeria manipulada do que manifestações sadias de fé. Um pouco mais de racionalidade teológica faria muito bem.¹⁹⁴

Esse emocional, muitas vezes negligenciado, não deixará de se manifestar conquanto não se dê valor ou espaço para a sua expressão, e nem nos livrará de relações doentias. Entrar em contato com esse universo psíquico e procurar compreendê-lo, por outro lado, pode nos proteger de armadilhas como o abuso espiritual, por exemplo.

3.3.4 O perigo do abuso espiritual

Em seu livro “Feridos em nome de Deus”, Marília de Camargo César mostra-nos uma realidade pouco conhecida ou explicitada, mas, lamentavelmente, muito presente nos ambientes eclesiais: o abuso espiritual. Segundo a autora,

¹⁹² RAUCHFLEISCH, 2014, p. 70.

¹⁹³ UTSCH, 2013, p. 377.

¹⁹⁴ HOCH, Lothar C. A igreja e o universo negligenciado das emoções - aspectos antropológicos e psicológicos. *Teologia em debate*, Porto Alegre, n. 1, p. 12-23, 1997. p. 14.

a passagem da espiritualidade sadia para a neurótica ou doentia pode bem acontecer com a ajuda dos ministros religiosos que, imbuídos de um sentimento onipotente e infantil, cultivam de púlpito o espírito do triunfalismo, como se a vida fosse uma aventura sem percalços.¹⁹⁵

Antigamente, os pastores eram chamados de reverendos, palavra que vem de reverência, dada a nobreza de sua obra. Embora o título não seja mais tão utilizado hoje em dia, as pessoas partem do princípio de que o pastor ou a pastora é uma pessoa que merece respeito, alguém confiável, de quem não se esperaria que houvesse abuso.¹⁹⁶

Além disso, a eles e elas foi dado o poder, por Deus e pelos seres humanos, segundo a Bíblia, mas não o mau uso dele, com certeza. Porém, o que vemos em muitos contextos é um verdadeiro abuso desse poder na igreja.

Se o pastor se deixa colocar no lugar de um cabide onde os paroquianos penduram a roupagem de suas fantasias, assim sucederá a ele e à congregação de que está encarregado. Ele, ou ela, é um servo de Deus, mas também é um ser humano. Não deve haver equívoco: ser um servo de Deus não significa ser um deus. Entre a verdadeira adoração e a idolatria não há muita distância, mas somente um passo. Para evitar o pecado da onipotência e do autoritarismo, o pastor sempre deve lembrar que não é mais do que um ser humano, redimido, mas pecador.¹⁹⁷

O psiquiatra Dan Blazer relata em seu livro “Freud versus Deus” a influência deste poder pastoral, exercido sobre um homem que o procurou para atendimento.

Para ele, sua ‘vida’ era a vida naquela comunidade cristã, que influenciava, se não controlava, tanto suas crenças como suas atividades sociais. A autoridade dos líderes religiosos era tão grande quando o encontrei pela primeira vez que, se não tivesse conseguido a permissão deles, ele não teria aceitado a minha ajuda. Certamente há muitos outros dentro da igreja que sofrem problemas emocionais e que poderiam se beneficiar potencialmente de tratamento psiquiátrico.¹⁹⁸

Para Rauchfleisch, o *Selbst*¹⁹⁹, definido de forma diferente pelas teorias que o utilizam, é entendido na teoria psicanalítica “como o centro propriamente dito da

¹⁹⁵ CÉSAR, Marília de Camargo. *Feridos em nome de Deus*. São Paulo: Mundo Cristão, 2009. p. 97.

¹⁹⁶ CÉSAR, 2009, p. 73.

¹⁹⁷ LEÓN, Jorge A. A psicologia pastoral nas comunidades eclesiais de hoje. In: SANTOS, Hugo N. (Ed.) *Dimensões do cuidado e aconselhamento pastoral*. São Paulo/São Leopoldo: ASTE/Cetela, 2008. p. 91.

¹⁹⁸ BLAZER, 2002, p. 53.

¹⁹⁹ Neste contexto, é mantida a expressão alemã *Selbst*, original de Freud, embora seja mais comum no meio psicológico o termo inglês *self*. (RAUCHFLEISCH, 2014, p.40).

personalidade, o lugar das autorrepresentações, da identidade própria, um sistema que regula a vivência do autovalor”.²⁰⁰

A condição para uma autoestima estável é a vivência de ser aceito incondicionalmente e de ser valorizado por causa de si mesmo, pelo pai e pela mãe ou por outras pessoas que, igualmente, sejam significativas para uma pessoa. E uma pessoa com liderança religiosa, muitas vezes, desempenha esse papel. Quando esta o faz de uma forma equilibrada, respeitando a individualidade e a autonomia do liderado e da liderada, essa atitude pode contribuir para o seu crescimento, porém, infelizmente, não é sempre assim que acontece.

[...] deve-se levar em conta que a autoestima pode não só ser estabilizada por conteúdos religiosos, mas também minorada e até gravemente danificada. [...] como é importante que a autoestima de cristãos e cristãs não seja ferida, mas fortalecida por instâncias e grupos eclesiais, até porque a mensagem bíblica oferece uma profusão de possibilidades de confirmar as pessoas em sua maneira de ser e assegura-lhes a aceitação divina incondicional. Tais experiências naturalmente podem e devem ser feitas na comunidade, quando se vivencia também nela a atenção e aceitação incondicionais, isto é, a comunhão no sentido autêntico.²⁰¹

Entretanto, seria ingênuo acreditar que em grupos religiosos não reine nenhuma rivalidade, ou que seus membros só vivenciem a solidariedade e o apoio mútuo; pelo contrário, existem em círculos eclesiais muitas tensões, intrigas e intolerância e, as relações de poder “não ficam devendo nada à de sistemas totalitários como os encontramos nas ditaduras da esfera política!”²⁰²

Constatamos, então, a importância de aceitar e compreender a dimensão emocional, tanto da liderança eclesial quanto dos membros das igrejas, para assim trazer mais humanidade nas relações.

Outra razão para o clima pouco solidário justamente em grupos religiosos reside em que fé religiosa e vida eclesial frequentemente são vinculadas – equivocadamente – com ausência de agressividade, havendo grupos religiosos em que chega a imperar um tabu da agressividade. Isso de modo algum faz com que se consiga evitar desenvolvimentos destrutivos, mas a repressão de toda e qualquer agressão (porque tais sentimentos e impulsos supostamente não se coadunam com uma postura cristã fundamental) impede também confrontações construtivas e, justamente por isso, leva em círculos eclesiais a uma dinâmica agressiva extremamente destrutiva.²⁰³

²⁰⁰ RAUCHFLEISCH, 2014, p. 48.

²⁰¹ RAUCHFLEISCH, 2014, p.48, 49.

²⁰² RAUCHFLEISCH, 2014, p. 51.

²⁰³ RAUCHFLEISCH, 2014, p. 51.

Assim, constatamos, mais uma vez, a importância de aceitar, compreender e tratar, quando possível, a dimensão emocional, tanto da liderança eclesial quanto dos membros das igrejas, para trazer mais humanidade nas relações e uma proteção contra os abusos existentes nestes contextos.

3.4 Possibilidades de cooperação entre psicoterapeutas e *poimênicos*

O avanço da Psicologia como atividade especializada na resolução de conflitos emocionais acabou por gerar um descrédito ambivalente no meio cristão. Se, por um lado, alguns teólogos desconfiavam da psicologia por ser considerada “ateia”, por outro lado, o “culto à ciência”, baseado no modelo médico, deixou-os inseguros quanto ao seu próprio valor, levando alguns deles a abdicarem do aconselhamento pastoral e a passarem a encaminhar as pessoas, exclusivamente, para atendimento profissional.²⁰⁴

Presumivelmente se tenha em mente o psicologismo. Psicologismo é a ‘tendência a fazer prevalecer o ponto de vista psicológico sobre o de outra ciência, num assunto de domínio comum’ e ainda ‘a doutrina que considera todos os nossos conhecimentos meros fatos psicológicos.’²⁰⁵

Tal atitude de forma alguma é o que se pretende quando pensamos em uma cooperação entre estes saberes, não se trata de privilegiar um em detrimento do outro, mas de acolher ambos os conhecimentos porque, como conclui Hurding: “Deus está operando em seu mundo, e tanto o cristão quanto o não-cristão trabalham com a mesma matéria-prima da psicologia humana”.²⁰⁶

Ademais, observamos que as metodologias cristãs fundamentam-se no mesmo repertório de sabedoria e de conhecimento dentro da ordem criada em que se baseiam os sistemas seculares. Os métodos ‘bíblicos’ tendem a ressaltar os aspectos da vida que vemos mais amplamente em terapias de comportamento e cognitivas; os estilos de ‘relacionamentos’ são essencialmente pessoalistas; os elementos mais místicos da ‘jornada interior’ estão voltados para o transpessoalismo, e as muitas formas de ‘cura interior’ e de ‘integração primal’ têm algum parentesco com as terapias analíticas.²⁰⁷

²⁰⁴ KÜHNRIK, Roseli M. *Cuidando de quem cuida: um olhar de cuidados aos que ministram a palavra de Deus*. 4ª ed. Joinville: Grafar, 2012. p. 54.

²⁰⁵ HOCH, 1985, p. 256.

²⁰⁶ HURDING, 1995, p. 458, 459.

²⁰⁷ HURDING, 1995, p. 458, 459.

Em um exemplo de como o diálogo entre Psicanálise (uma representante da psicologia) e a Teologia pode ser profícuo, encontramos as conversações entre Freud e Pfister.²⁰⁸

Ao longo de sua vida, Sigmund Freud teve vários interlocutores (alguns destes interlocutores foram: Wilhem Fliess, Sandor Ferenczi, Carl Jung, Alfred Adler, Ernest Jones), mas poucos sabem (ainda) que entre estes havia um que, aos olhos daqueles que têm uma visão reducionista do pai da psicanálise, deve causar uma estranha contradição, o pastor Oskar Pfister, com quem Freud manteve uma correspondência regular por mais de 30 anos.

Oskar Pfister, natural de Zurique, na Suíça, era pastor protestante, pedagogo, doutor em filosofia e doutor *honoris causa* em teologia, e foi um pioneiro da psicanálise em seu país. Ele fez parte da Associação Psicanalítica de Zurique, fundada por Jung, e depois preferiu ficar ao lado de Freud, quando se deu a ruptura com Jung em 1913. Em 1919, foi um dos fundadores da Sociedade Suíça de Psicanálise.²⁰⁹

Pfister descobriu a obra freudiana através de C. G. Jung e E. Bleuler (outros interlocutores de Freud) em 1908 e logo percebeu nela “o instrumento que há tempos procurava, e que o colocava na condição de poder auxiliar de outra maneira as pessoas que antes, como cura de almas espiritual, não conseguia ajudar suficientemente”.²¹⁰

Pfister defendia a ideia, segundo Quinodoz, de que “a cura da alma poderia ser enriquecida pelas ideias de Freud e que o papel de um pastor esclarecido pela psicanálise era conduzir o paciente a superar sua neurose para que pudesse reconhecer o valor da fé cristã”.²¹¹

Sigmund Freud, oriundo de Freiberg, na Morávia, parte central da região hoje chamada Eslováquia, pertencia a uma família judaica pouco praticante, mas que respeitava a tradição e as principais festas religiosas. Quando nasceu, recebeu um nome judaico, Scholomo, e um nome cristão, Sigismund, que se tornou

²⁰⁸ Ao trazer para este trabalho o exemplo do diálogo entre Freud e Pfister, o fazemos com o intuito de ilustrar como esta aproximação é possível. Portanto, não pretendemos explorar extensamente esta conversação porque este não é o propósito, até porque já foi brilhantemente realizado pela psicanalista Karin Hellen Kepler Wondracek, no livro *O amor e seus destinos. A contribuição de Oskar Pfister para o diálogo entre teologia e psicanálise e O futuro e a ilusão: um embate com Freud sobre psicanálise e religião*, entre outros escritos.

²⁰⁹ QUINODOZ, 2007, p. 250.

²¹⁰ FREUD; MENG, 2009, p. 15.

²¹¹ QUINODOZ, 2007, p. 250.

Sigmund. “Além disso, ele foi criado em parte por uma ‘nania’ católica fervorosa [...] e permaneceu fiel por toda vida à sua identidade judaica”.²¹²

Freud, que se considerava um “judeu ateu”, abordou em várias oportunidades a questão das relações entre religião e psicanálise, “mas pode-se considerar que sua abordagem da religião reportava-se mais à antropologia do que à ideologia”.²¹³

Quinodoz revela que o interesse do debate entre Pfister e Freud residia especialmente em que seus argumentos recíprocos já continham os principais temas de debates posteriores.

Assim, Pfister acusa Freud de ter se preocupado unicamente com os aspectos patológicos da prática religiosa, e não com o fenômeno religioso tomado em seu conjunto. De resto, as opiniões dos dois interlocutores divergem em vários pontos: Freud opõe a psicanálise à religião, enquanto Pfister vê na psicanálise uma possibilidade para o crente de depurar sua fé. Freud considera a religião como a expressão do infantilismo do ser humano, enquanto Pfister vê nela um de seus ideais mais elevados.²¹⁴

Apesar das divergências em vários pontos, as correspondências trocadas entre Freud e Pfister revelam um tom de admiração e profunda amizade, é o que nos revela Karin Wondracek, uma das tradutoras de *Cartas entre Freud e Pfister (1909-1939): um diálogo entre a psicanálise e a fé cristã*, no prefácio deste livro:

Desde as primeiras linhas das *Cartas* sentimos o cálido acolhimento que Freud dá ao religioso que busca na psicanálise uma melhor instrumentação para entender a alma. E acompanhamos como, pouco a pouco, os dois trocam ideias, textos e, acima de tudo, compartilham vida. Visitam-se, presenteiam-se, fazem confidências e influenciam-se mutuamente. ‘Nenhuma visita, desde a de Jung, teve tanto impacto nas crianças e trouxe tanto bem-estar a mim mesmo’, escreve Freud em 12.6.1909. ‘Se me perguntassem sobre o lugar mais aprazível da terra, eu responderia: Informem-se na casa do Professor Freud!’, revela Pfister em 30.12.1923.²¹⁵

Segundo Wondracek, o apreço que Freud tinha por Pfister e que, igualmente, este tinha por Freud, não os impedia de ter discussões acaloradas, mas ao mesmo tempo respeitadas, o que pode representar um exemplo a ser seguido por psicólogos e teólogos.

Para Freud, criticar as ilusões significa abandonar a religião e devotar-se à ciência. Para Pfister, significa purificar a religiosidade e o ateísmo de suas

²¹² QUINODOZ, 2007, p. 249.

²¹³ QUINODOZ, 2007, p. 250.

²¹⁴ QUINODOZ, 2007, p. 254.

²¹⁵ FREUD; MENG, 2009, p. 7.

mazelas neuróticas e torná-los mais amorosos. Para os cidadãos do século XXI, significa considerar ciência, cultura, religião e demais saberes como canais abertos a recolher águas capazes de, em conjunto, saciar as sedes multifacetadas da humanidade, mas sem completudes paralisantes.²¹⁶

E, a despeito do que alguns poderiam presumir sobre a conduta do pastor Pfister, devido à suposta “má influência da psicanálise” em seu ministério, Meng esclarece enfaticamente:

Seria muito errado presumir que o pastor Pfister tenha negligenciado, em função dos estudos e práticas psicanalíticas, o seu ministério como pastor e cura de almas. Ele não era um homem de superficialidade e exercia o pastorado como teólogo íntegro e cordial, irradiando bondade, calor e disposição de ajudar todos os que o procuravam como ministro. Seu amigo, o pastor Hans Pfenninger, escreve dele: ‘Como representante de uma expressão livre do cristianismo, ele era inimigo de toda pressão de dogmas, mas àqueles que, em consequência de amarras internas, precisavam se apegar a dogmas, ele acolhia com muita compreensão e com todo o amor... Ele foi também sustentado pelo amor da sua comunidade.’²¹⁷

Ao entrar em contato, mesmo que de uma forma muito breve, com essa instigante e inusitada relação entre um psicanalista ateu e um pastor, que foi capaz de produzir profícuas discussões e, ao mesmo tempo, muita amorosidade, encontramos um caminho que pode ser percorrido por todos aqueles e aquelas que encontram-se nessa jornada do cuidado de pessoas.

A esse respeito, Viktor Frankl, criador da Logoterapia, (anteriormente mencionado neste trabalho), fez uma interessante observação:

O que nós, psiquiatras, podemos e devemos fazer é manter a continuidade do diálogo entre religião e psiquiatria, no sentido de uma tolerância recíproca, tão indispensável numa era de pluralismo e numa área como a medicina, mas também no sentido de uma tolerância mútua conforme transparece de maneira tão impressionante na memorável correspondência entre Oskar Pfister e Sigmund Freud.²¹⁸

Sendo assim, Psicólogos/psicoterapeutas e Teólogos/*poimênicos*, a exemplo de Freud e Pfister e, imbuídos de um profundo interesse por seus pacientes, aconselhandos e aconselhandas podem, igualmente, fazer convergir a

²¹⁶ WONDRAČEK, Karin Hellen Kepler. Freud, Pfister e suas ilusões. Que ciência? Que religião? In: WONDRAČEK, Karin Hellen Kepler (Org.). *O futuro e a ilusão: um embate com Freud sobre psicanálise e religião: Oskar Pfister e autores contemporâneos*. Petrópolis: Vozes, 2003. p. 197.

²¹⁷ FREUD; MENG, 2009, p. 16.

²¹⁸ FRANKL, 2007, p.116.

investigação “de baixo” (ciência) e a “de cima” (teologia), no dizer de James E. Loder.²¹⁹

No estudo interdisciplinar, a preocupação de fundo está em garantir que todas as partes tenham vez e voz, isto é, que possam se apresentar na integridade. É necessário que tanto a mirada desde o ‘solo’ (ciências) como o olhar desde o ‘alto’ (teologia) tenha sua participação assegurada, sem amputações.²²⁰

Entre as ideias de Loder apresentadas por Wondracek, Rehbein e Cartell, autores de *Desenvolvimento humano na lógica do espírito: introdução às ideias de James E. Loder*, encontramos uma possibilidade fecunda de integração entre as ciências e a teologia. Loder revela, conforme estes autores, que esta integração, que possibilita aos saberes manterem a sua identidade, é derivada da teologia quando se tem em mente o Concílio de Calcedônia.

Este Concílio (451 d.C.) encerrou as discussões cristológicas que permearam os três concílios anteriores: Niceia em 325, Constantinopla em 381 e Éfeso em 431. Neste Concílio rejeitou-se veementemente o monofisismo (a separação ou existência de duas naturezas distintas em Jesus Cristo, uma humana e a outra divina) e foi afirmado o diofisismo, a união de duas naturezas na única Pessoa de Cristo. [...] Jesus Cristo é completamente Deus e completamente humano: uma pessoa, duas naturezas.²²¹

A partir desse entendimento, Loder identifica um padrão “cristomórfico” que expressa “uma forma de relacionalidade e racionalidade que aparece numa diversidade de áreas, de modo a superar numerosos problemas surgidos nos estudos interdisciplinares”.²²²

Por isso, a relação entre o divino e o humano, como descrito no paradigma da Calcedônia, traz uma via interessante para relacionar teologia e ciência.

As ciências humanas são consideradas como resultado dos esforços do espírito humano de perscrutar a si próprio, e entram em contato com a teologia nos moldes da comunicação entre espírito humano e Espírito Santo. Pelo paradigma calcedônico, ambos têm sua integridade garantida, mas ao mesmo tempo estabelecem uma unidade indissolúvel que se ampara na origem e destino do seu objeto de estudo.²²³

²¹⁹ WONDRAČEK, Karin Hellen Kepler; REHBEIN, Matthew L.; CARTELL, Leticia N. *Desenvolvimento humano na lógica do espírito: introdução às ideias de James E. Loder*. Joinville: Grafar, 2012. p. 22.

²²⁰ WONDRAČEK; REHBEIN; CARTELL, 2012, p. 37.

²²¹ WONDRAČEK; REHBEIN; CARTELL, 2012, p. 38, 39.

²²² WONDRAČEK; REHBEIN; CARTELL, 2012, p. 40.

²²³ WONDRAČEK; REHBEIN; CARTELL, 2012, p. 42, 43.

Haveria ainda muito a dizer sobre o paradigma calcedônico proposto por Loder, no entanto o espaço não nos permite. Mas a nossa intenção, ao final (e no decorrer também) deste trabalho, trazendo o entendimento de Loder através do paradigma calcedônico e o modelo de conversação entre Freud e Pfister, mesmo que de formas resumidas, pôde ser revelada: auxiliar/cuidar de pastores e pastoras em suas inquietações em relação à Psicologia.

CONCLUSÃO

Se como terapeuta não ignoro o corpo de meu paciente, já estou fazendo algo, da mesma forma que se não ignoro o aspecto sagrado dele e o meu. O reconhecimento do sagrado me dá um *signal de parentesco radical* com o destino de pessoas que participam de um encontro. Há um peregrinar que se estende por um caminho que é comum à existência.²²⁴

Cruz e ressurreição julgam também a psicologia como instrumento capaz de nos levar à verdadeira humanidade. Julgada sua eventual pretensão de ser um instrumento salvífico, a psicologia pode ser utilizada como uma ajuda para entender melhor a pessoa e a teologia humana.²²⁵

Início, propositalmente, a conclusão desta dissertação com estas duas citações. A primeira é de Carlos José Hernandez, um psiquiatra argentino, e a segunda é de um teólogo brasileiro muito conhecido, Lothar C, Hoch.

Carlos Hernandez fala do lugar da ciência, mas não de uma ciência fechada em si mesma que só prescreve medicações ou que está preocupada em “fechar diagnósticos”, a partir do CID ou do DSM.²²⁶ Lothar Hoch, por sua vez, fala do lugar da Teologia, de uma teologia libertadora, “humanamente acessível”.

Quem *melhor* cuida da alma? O psicoterapeuta ou o *poimênico*? Esta pergunta, com um acréscimo da minha parte do advérbio *melhor*, é parte do título de um livro de Udo Rauchfleisch, extensamente referenciado neste trabalho, *Quem cuida da alma? Controle de fronteiras entre psicoterapia e poimênica*.

Este livro chegou às minhas mãos quando eu já havia iniciado esta caminhada pelo mestrado, cheia de dúvidas quanto à relevância do tema escolhido e sem saber direito por onde começar. Como um livro pode tão bem responder a tantos questionamentos? Certamente, ao longo do trajeto, outras boas obras foram chegando para compor esta dissertação, como as dos autores citados acima.

Para falar sobre a Igreja que vai para o divã e as inquietações dos pastores e pastoras em relação à psicologia, iniciei pela trilha dos antecedentes históricos da Psicologia. Esta parte tomou um espaço significativo no primeiro capítulo, porque a

²²⁴ HERNANDEZ, 1986, p. 13.

²²⁵ HOCH, 1985, p. 268.

²²⁶ CID, cuja sigla significa Classificação Internacional de Doenças, é um manual extensamente usado pelos médicos, assim como DSM, Manual de Diagnóstico e Estatística dos Transtornos Mentais.

intenção era fazer conhecida uma história que costuma ficar restrita aos círculos acadêmicos, afinal, aquilo que não conhecemos pode gerar inquietações. Uma outra razão também, foi porque é possível identificar nesse apanhado histórico que o desconhecido e inquietante não é tão estranho como aparenta, podemos nos arriscar neste novo caminho.

Seguindo nesta linguagem de um caminhante à procura de novas trilhas, entrei no segundo capítulo e me deparei com um terreno mais irregular, de difícil acesso: a relação entre a Psicologia e a Religião, e a Psicologia e a Teologia. Encontrei ali reduções e distorções típicas de quando uma dupla via de aproximação não é preservada, como afirma Loder²²⁷, mas também encontrei ajudantes/autores que contribuíram para tirar algumas pedras do caminho quando corrigiram, por exemplo, uma percepção “demonizada” de Freud e da psicanálise.

Então pôde aparecer, em seguida, o que cada saber/caminhante tem a oferecer nesta caminhada: pontos comuns e diferenças, como o vigor de um e a capacidade de contemplação do outro, mas também a determinação de ambos; a Psicoterapia e suas diferentes escolas psicoterapêuticas e a *Poimênica*, com as suas diferentes propostas de aconselhamento pastoral.

E o terceiro trecho desta caminhada chega. Talvez não da forma como se esperava, depois que pedras foram retiradas e semelhanças foram percebidas. Este trecho volta ao “trauma” para, em uma linguagem psicanalítica, “repetir para elaborar”. Falei dos tabus no meio científico e no ambiente religioso, suas causas e suas consequências; e espinhos apareceram, teias de aranha e uma variedade de outros insetos, mas lidei com cada um deles (provavelmente quando voltar para uma nova caminhada vou encontrar muitos outros diferentes destes) chamando cada caminhante para se envolver no enfrentamento dos “bichos”. Sugeri um compartilhar de “mochilas”, quando propus que a Psicologia oferecesse seus conhecimentos teóricos e práticos, úteis para os encaminhamentos e para o desenvolvimento de uma fé saudável e “ofereci” um modelo de cooperação fundamentado no respeito e no amor. Então, ao final, vi que a trilha havia nos levado para um lugar amplo, com inúmeras possibilidades, mas também desafios. Afinal, quem se aventura por caminhos desconhecidos não pode temer desafios.

²²⁷ WONDRAČEK; REHBEIN; CARTELL, 2012, p. 37.

Voltemos então àquela pergunta intrigante do início: quem cuida *melhor* da Igreja quando ela adocece emocionalmente? Sim, porque a Igreja também adocece, ela não é completamente imune aos “males do século”, como tivemos a oportunidade de entender neste trabalho.

A palavra *melhor*, que foi propositalmente colocada no meio desta pergunta, revela uma inquietação que já foi minha e que ainda é de muitos pastores e muitas pastoras, mas não tem mais serventia quando percebi que não há um cuidado melhor do que outro. Existem cuidados diferentes e que podem se complementar.

A segunda parte do título do livro de Rauchfleisch, “controle de fronteiras entre psicoterapia e *poimênica*”, revela que estes cuidados que podem trabalhar juntos têm fronteiras que precisam ser respeitadas. Michael Utsch, teólogo, psicólogo e psicoterapeuta, defende que para ser possível um diálogo crítico recíproco, em que os territórios são respeitados,

tanto a teologia quanto a psicologia precisam apontar uma para os limites da outra: a teologia para a questão das premissas antropológicas e cosmovisivas que servem de fundamento à psicologia; a psicologia para os aspectos fundamentais do sentir, pensar e agir religioso muitas vezes ignorado pela teologia.²²⁸

Tal respeito às fronteiras do outro permite que o relacionamento seja duradouro e gratificante como foi o de Freud e Pfister que, apesar dos embates, foi extremamente produtivo. Quantas pessoas puderam ser ajudadas porque eles se dispuseram a caminhar juntos, por mais de 30 anos? Não é este o propósito maior da psicoterapia e da *poimênica*, ajudar pessoas em sofrimento?

Finalizo esta dissertação justificando as citações do início desta conclusão. Eu os escolhi, Carlos Hernandez e Lothar Hoch, porque eles demonstram, através destas declarações, assim como em outros escritos, um profundo respeito pelo Sagrado, por parte de Hernandez, e pela Ciência, por parte de Hoch, e porque eles podem representar, nestes tempos, exemplos de quem tem percorrido este caminho há um longo período.

²²⁸ UTSCHE, 2013, p. 364.

Referências

ADAMS, Jay E. *Conselheiro capaz*. São Paulo, SP: Fiel, 1977.

ATKINSON, Rita. et al. *Introdução à psicologia de Hilgard*. Porto Alegre: Artmed, 2002.

BLAZER, Dan. *Freud versus Deus*. Tradução de Paulo Zacarias. Viçosa: Ultimato, 2002.

BOCK, Ana Mercês Bahia; FURTADO, Odair; TEIXEIRA, Maria de Lourdes Trassi. *Psicologias: uma introdução ao estudo da psicologia*. São Paulo: Saraiva, 2008.

CARPIGIANI, Berenice. *Psicologia: das raízes aos movimentos contemporâneos*. São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2002.

CÉSAR, Marília de Camargo. *Feridos em nome de Deus*. São Paulo: Mundo Cristão, 2009.

CLINEBELL, Howard J. *Aconselhamento pastoral: modelo centrado em libertação e crescimento*. Tradução de Walter O. Schlupp e Luis Marcos Sander. São Leopoldo: Sinodal, 1987.

COLLINS, Gary R. *Aconselhamento Cristão: edição século 21*. Tradução de Lucília Marques Pereira da Silva. São Paulo: Vida Nova, 2004.

COLLINS, Michael; PRICE, Matthew A. *História do cristianismo*. São Paulo: Loyola, 2000.

DALGALARRONDO, Paulo. *Religião, psicopatologia e saúde mental*. Porto Alegre: Artmed, 2008.

DEGANI-CARNEIRO, Felipe; JACÓ-VILELA, Ana Maria. Religião na história da psicologia no Brasil: o caso do protestantismo. *Diaphora*, v. 11, n. 1, p. 70-79, 2012.

ELLENS, J. Harold. *Graça de Deus e Saúde Humana*. São Leopoldo: Sinodal, 1982.

FADIMAN, James; FRAGER, Robert. *Teorias da personalidade*. Tradução de Camila Pedral Sampaio e Sybil Safdié. São Paulo: HARBRA, 1986.

FIGUEIREDO, Luis Claudio M. *Revisitando as psicologias: da epistemologia à ética das práticas e discursos psicológicos*. 3ª ed. Rio de Janeiro: Vozes, 2004.

FIGUEIREDO, Luis Claudio M.; SANTI, Pedro Luiz. *Psicologia – uma nova introdução: uma visão histórica da psicologia como ciência*. 2ª ed. São Paulo: EDUC, 2002.

FRANKL, Viktor E. *A presença ignorada de Deus*. Tradução de Walter O. Schlupp e Helga H. Reinhold. 10ª ed. São Leopoldo/Petrópolis: Sinodal/ Vozes, 2007.

FRANKL, Viktor E. *Em busca de sentido: um psicólogo no campo de concentração*. Trad. Walter O. Schlupp e Carlos C. Aveline. 25 ed. São Leopoldo/ Petrópolis: Sinodal/ Vozes, 2008.

FREUD, Ernst L.; MENG, Heinrich (Org.). *Cartas entre Freud & Pfister (1909-1939): um diálogo entre a psicanálise e a fé cristã*. Tradução de Karin Hellen Kepler Wondracek e Ditmar Junge. 3ª ed. Viçosa: Ultmato, 2009.

FRIESEN, Albert. *Cuidando do ser: treinamento em aconselhamento pastoral*. Curitiba: Esperança, 2002.

FUKS, Betty B. *O homem Moisés e a religião monoteísta – Três ensaios: O desvelar de um assassinato*. Rio de Janeiro: Civilização brasileira, 2014.

GÓMEZ, Jonhny Javier Orejuela; CAMACHO, Manuel Alejandro Moreno (Ed.). *Abordajes psicanalíticos a inquietudes sobre la subjetividade II*. Cali: Editorial Bonaventuriana, 2013.

HENNEMAN, Richard H. *O que é a psicologia?* Tradução de José Fernando Bittencourt. 4ª ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1974.

HERNANDEZ, Carlos. *O lugar do sagrado na terapia*. Tradução de Therezinha F. Privatti. São Paulo: CPPC, 1986.

HOCH, Lothar C. *Psicologia a Serviço da Libertação: possibilidades e limites da psicologia no aconselhamento pastoral*. *Estudos Teológicos*, São Leopoldo, ano 25, n. 3, 249-269, 1985.

_____. *A igreja e o universo negligenciado das emoções - aspectos antropológicos e psicológicos*. *Teologia em debate*, Porto Alegre, n. 1, p. 12-23, 1997.

HOFF, Paul. *O Pastor como conselheiro*. São Paulo: Vida, 1996.

HOLANDA, Adriano Furtado (Org.). *Psicologia, religiosidade e fenomenologia*. 2ª ed. Campinas: Editora Alínea, 2015.

HURDING, Roger F. *A árvore da cura: fundamentos psicológicos e bíblicos para aconselhamento cristão e cuidado pastoral*. Tradução de Márcio Loureiro Redondo. São Paulo: Vida Nova, 1995.

JUNG, Carl. G. *Psicologia e religião*. Tradução de Mateus Ramalho Rocha. Revisão técnica de Dora Ferreira da Silva. 11ª ed. Petrópolis: Vozes, 2012.

KÜHNRIK, Roseli M. *Cuidando de quem cuida: um olhar de cuidados aos que ministram a palavra de Deus*. 4ª ed. Joinville: Grafar, 2012.

_____. *A sedução da morte - A potencial ameaça de suicídio entre pastores e pastoras*. Gramado: Eirene do Brasil, (no prelo).

LABOISSIÈRE, Paula. Brasil tem maior número de casos de depressão na América Latina. *Agência Brasil*, 23 fev. 2017. Disponível em: <<http://agenciabrasil.ebc.com.br/geral/noticia/2017-02/depressao-brasil-tem-maior-prevalencia-de-casos-na-america-latina>>. Acesso em: 08 ago. 2017.

LEÓN, Jorge A. *Psicología de la experiencia religiosa*. Buenos Aires: Editorial Caribe, 1973.

_____. *Introdução à Psicologia Pastoral*. Tradução de Ruth Maria Maestre. São Leopoldo: Sinodal, 1996.

_____. A psicologia pastoral nas comunidades eclesiais de hoje. In: SANTOS, Hugo N. (Ed.) *Dimensões do cuidado e aconselhamento pastoral*. São Paulo/São Leopoldo: ASTE/Cetela, 2008.

MACIEL, Karla Daniele De Sá Araújo; ROCHA, Zeferino de Jesus Barbosa. Dois discursos de Freud sobre a religião. *Revista Mal-estar e subjetividade-Fortaleza*, v. 8, n. 3, p. 729-754, Set. 2008.

_____. Freud e a religião: possibilidades de novas leituras e construções teóricas. *Revista Psicologia, ciência e profissão*, v. 28, n. 4, p. 742-753, 2008.

MARTÍNEZ, Juan Diego Duque; TORO, Patricia Lasso; GÓMEZ, Johnny Javier Orejuela. *Fundamentos epistemológicos de las psicologías: com énfasis em psicología transpersonal*. 2ª ed. Cali: Editorial Bonaventuriana, 2016.

MORANO, Carlos Dominguez. *Crer depois de Freud*. São Paulo: Loyola, 2003.

PARIZI, Vicente Galvão. Psicologia transpessoal: algumas notas sobre sua história, crítica e perspectivas. *Psicologia Revista*. São Paulo, n. 14, p. 109-128, maio 2005.

PERES, Julio Fernando Prieto; SIMÃO, Manoel José Pereira; NASELLO, Antonia Gladys. Espiritualidade, religiosidade e psicoterapia. *Rev. psiquiatr. clín.*, São Paulo, supl. 1, n. v. 34, p. 136-145, 2007.

QUINODOZ, Jean-Michel. *Ler Freud: Guia de Leitura da Obra de S. Freud*. Tradução de Fátima Murad. Porto Alegre: Artmed, 2007.

RAUCHFLEISCH, Udo. *Quem cuida da alma? Controle de fronteiras entre psicoterapia e poimênica*. São Leopoldo: Sinodal/EST, 2014.

ROUDINESCO, Elisabeth; PLON, Michel. *Dicionário de Psicanálise*. Tradução de Vera Ribeiro e Lucy Magalhães. Supervisão da edição brasileira Marco Antônio Coutinho Jorge. Rio de Janeiro: Zahar, 1998.

SARGIANI, Renan. Você sabe o que é Psicologia Cognitiva? Psicologia explica, 11 mar. 2012. Disponível em: <http://www.psicologiaexplica.com.br/voce-sabe-o-que-e-psicologia-cognitiva/>. Acesso em: 02 dez. 2017.

SCHIPANI, Daniel S. *O caminho da sabedoria no Aconselhamento Pastoral*. Tradução de Paul Tornquist. São Leopoldo: Sinodal, 2003.

SCHNEIDER-HARPPRECHT, Christoph (Org.). *Teologia Prática no contexto da América Latina*. 3ª ed. Rev e ampl. São Leopoldo: Sinodal/Est, 2011.

SCHULTZ, Duane; SCHULTZ, Sydney. *História da psicologia moderna*. São Paulo: Cultrix, 1981.

SOUZA, Edilson Soares. O Sagrado, o sujeito e a psicoterapia. *Via Teológica*, Curitiba, v. 1, n. 13, p. 23-32, jun. 2006.

WONDRACEK, Karin Hellen Kepler. *O amor e seus destinos. A contribuição de Oskar Pfister para o diálogo entre teologia e psicanálise*. São Leopoldo: Sinodal, 2005.

WONDRACEK, Karin Hellen Kepler (Org.). *O futuro e a ilusão: um embate com Freud sobre psicanálise e religião: Oskar Pfister e autores contemporâneos*. Petrópolis: Vozes, 2003.

WONDRACEK, Karin Hellen Kepler; REHBEIN, Matthew L.; CARTELL, Leticia N. *Desenvolvimento humano na lógica do espírito: introdução às ideias de James E. Loder*. Joinville: Grafar, 2012.